



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA KEL TAMASHEQ
(TUAREGUES) NA LÍBIA: DA JAMAHIRIYA AOS NOSSOS DIAS (1969 -2021).**

MOHAMED ISSOUF AG MOHAMED

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2023

MOHAMED ISSOUF AG MOHAMED

**Desafios da construção da cidadania Kel Tamasheq (Tuaregues) na Líbia da
Jamahiriya aos nossos dias (1969 -2021)**

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado no Departamento de Relações
Internacionais como requisito básico para a
conclusão de curso de Relações
Internacionais.

**Orientador (a): Prof. Dr. Geraldo Adriano
Godoy de Campos**

Aprovado em: São Cristóvão/Sergipe,

São Cristóvão - SE

2023

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento dirige-se a tantos lugares e pessoas diferentes que me sinto na obrigação de começar por agradecer a todo mundo que, de várias formas, permitiu que meu sonho ultrapassasse o impossível e os obstáculos fossem vencidos. À minha família por todo o apoio e, especialmente, à minha tia Alhousna Walet Almoufleh (*in memoriam*) pelo amor incondicional e por formar a minha base sólida e também ao meus tios Adnane Ag Almoukalam (*in memorium*) e Omar Ag Almehti (*in memoriom*) pelo incentivo e apoio, mas também por ensinar o exemplo de caráter, paciência e perseverança.

Minha gratidão ao meu primo Prof. Dr. Mahfouz Ag Adnane, por me inspirar e me apoiar durante todos esses últimos anos. Igualmente meu reconhecimento às Professoras Denise Dias Barros e Daniela Moreau da Casa Das Áfricas e todo pessoal do núcleo de pesquisa.

Gostaria de expressar minha gratidão à Universidade Federal de Sergipe e, em particular, ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas e ao Departamento de Relações Internacionais, pelo compromisso com a excelência acadêmica. Essa experiência fortaleceu minha convicção de que o acesso à educação pública de qualidade pode alterar tanto o indivíduo quanto a sociedade. A todos os Professores do Departamento de Relações Internacionais da UFS por me guiarem e ensinarem mais valores humanos.

Especialmente, quero agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Geraldo Adriano Campos por não apenas me apresentar à vida acadêmica na área de Relações Internacionais, mas também por seu apoio contínuo ao meu crescimento intelectual e pessoal ao longo de minha graduação e por compartilhar sua visão de mundo comigo na orientação deste trabalho.

No CEAI, registro meu carinho e meu profundo reconhecimento pelos/as professores/as e colegas do centro por cada ajuda e troca de conhecimento. Agradeço também a todos os colegas e amigos da UFS.

Por fim, à Coordenação de Relações Internacionais CORI-UFS, em especial à Prof. Dra. Érica Winand, Nelcivania e Lara Cruz; à Fernanda Bispo e a todo equipe da coordenação PEC-G da UFS, pelo acompanhamento passo a passo durante esses anos de graduação.

RESUMO:

A queda do governo Gaddafi em 2011, em virtude da revolta popular e da intervenção militar ocidental liderada pela França e os Estados Unidos, deixou fragilizado o tecido social do país. Minorias de origem não árabes têm permanecido em mobilização, reivindicando direitos políticos e sociais e garantia de cidadania plena. Os Kel Tamasheq (Tuaregues) são um desses segmentos da sociedade líbia marginalizados, política e culturalmente, durante os 40 anos do regime de Muammar Gaddafi. O presente estudo volta-se ao processo da crise da Líbia atual com foco nas reivindicações da sociedade Kel Tamasheq. Para isso, discute percursos de demandas de direitos civis básicos a partir de entrevistas com pessoas que reivindicam seus documentos de identidades e de estudo bibliográfico, analisando textos acadêmicos sobre as relações dessa sociedade com os Estados modernos independentes em que se encontram. O trabalho examina também, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, a evolução da mobilização pelo acesso à nacionalidade líbia dentro da comunidade Kel Tamasheq desde a década de 1950 até o delicado contexto atual através do retrato do movimento civil *La Lil Tamyiz*, fundado no início de 2020 por um grupo de jovens da mesma sociedade das regiões de Ghat, Oubari e Sebha no sul da Líbia.

Palavras-chave: Kel Tamasheq (Tuaregue), Líbia, Gaddafi, movimento social, Cidadania.

ABSTRACT:

The fall of the Gaddafi government in 2011, due to a popular uprising and Western military intervention led by France and the United States, has left the country's social fabric fragile. Minorities of non-Arab origin have remained in mobilization, demanding political and social rights and full citizenship. The Kel Tamasheq (Tuareg) are one such segment of Libyan society that was marginalized politically and culturally during the 40 years of Muammar Gaddafi's regime. The present study turns to the process of the current Libyan crisis, with a focus on the claims of the Kel Tamasheq society. To do so, it discusses paths of demands for basic civil rights based on interviews with people claiming their identity documents and bibliographical study, analyzing academic texts about the relations of this society with the modern independent states in which they find themselves. The paper also examines, from a socio-historical perspective, the evolution of mobilization for access to Libyan nationality within the Kel Tamasheq community from the 1950s to the current delicate context through the portrait of the civil movement *La Lil Tamyiz*, founded in early 2020 by a group of young people from the same society from the regions of Ghat, Oubari, and Sebha in southern Libya.

Keywords: Kel Tamasheq (Tuareg), Libya, Gaddafi, social movement, Citizenship.

RÉSUMÉ:

La chute du gouvernement Kadhafi en 2011, due à un soulèvement populaire et à une intervention militaire occidentale menée par la France et les États-Unis, a fragilisé le tissu social du pays. Les minorités d'origine non arabe sont restées mobilisées, réclamant des droits politiques et sociaux et la garantie d'une citoyenneté à part entière. Les Kel Tamasheq (Touaregs) sont l'un de ces segments de la société libyenne marginalisés, politiquement et culturellement, pendant les 40 années du régime de Mouammar Kadhafi. La présente étude se penche sur le processus de la crise libyenne actuelle en mettant l'accent sur les revendications de la société Kel Tamasheq. Pour ce faire, elle examine les voies de revendication des droits civils fondamentaux sur la base d'entretiens avec des personnes réclamant leurs documents d'identité et d'une étude bibliographique, analysant des textes académiques sur les relations de cette société avec les États indépendants modernes dans lesquels elle se trouve. L'article examine également, dans une perspective socio-historique, l'évolution de la mobilisation pour l'accès à la nationalité libyenne au sein de la communauté Kel Tamasheq depuis les années 1950 jusqu'au contexte actuel délicat à travers le portrait du mouvement civil *La Lil Tamyiz*, fondé au début de l'année 2020 par un groupe de jeunes de la même société originaires des régions de Ghat, Oubari et Sebha dans le sud de la Libye.

Mots-clé: Kel Tamasheq (Touareg), Libye, Gaddafi, Mouvement social, Citoyenneté.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	7
2. A SITUAÇÃO TAMASHEQ NA LÍBIA DURANTE E PÓS-GADDAFI	19
2.1- Papel político dos Amazighs líbios durante e depois do governo Gaddafi	20
2.2- Participação política dos Kel Tamasheq durante e pós-Gaddafi na Líbia e além de fronteiras	24
3- OS KEL TAMASHEQ (TUAREGUES) NO CONTEXTO DOS DIFERENTES ESTADOS NACIONAIS	27
3.1- Kel Tamasheq líbios	28
3.2- Kel Tamasheq retornados do Mali	34
3.3- Kel Tamasheq retornados do Níger	38
3.4- Kel Tamasheq retornados da Argélia	40
4- AS PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE KEL TAMASHEQ DURANTE E APÓS O REGIME DE GADDAFI.	42
4.1- O papel histórico-político dos Ishumar e na contemporaneidade	42
4.2 - As Relações da sociedade Kel tamasheq com a cidadania	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
Apêndice I: Roteiro de entrevistas	55
Apêndice II: Transcrição de entrevistas	56

1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Os *Kel Tamasheq* são uma sociedade com grande pluralidade pertencente ao espaço sociopolítico e cultural Amazigh (referido como bérbere na literatura de fonte europeia). Conforme o apontado por pesquisadores como Gabriel Camps (1983) e Helene Claudot-Hawad (2001), *Amazigh* ou *Imazighens* (no plural) são compostos principalmente pelos descendentes dos primeiros povos a viver no norte da África, modificando-se em vários processos de interação ao longo da história. É uma sociedade sociolinguística que, de oeste a leste, vai das Ilhas Canárias a Siuá (oeste do Egito) e, de norte a sul, do Mediterrâneo ao sul do Saara (rio Níger).

Conhecido nos escritos ocidentais sob a nomenclatura *Tuareg* (*tuaregue*), particularmente presente na bibliografia de língua francesa, essa sociedade não reconhece essa denominação como sua, referindo-se a si mesmos por um nome que possui variações locais: *Imuhagh* (na Argélia, Líbia), *Imajeghen* (no Níger) e *Imushagh* (no Mali) (ADNANE, 2014; CLAUDOT-HAWAD, 1990 e 2001). Eles são organizados principalmente em torno de quatro grandes pólos territoriais com inter-relações complexas: *Ahaggar*, no sul da Argélia; *Air*, no norte do Níger; *Ajjer*, uma região situada no leste da Argélia e sudoeste da Líbia e *Azawad* ou norte do Mali (KOHL, 2010). Nesta área que ocupam, estima-se que existam 1,5 milhões de pessoas, de acordo com fontes administrativas oficiais e mais de 5 milhões do ponto de vista dos seus líderes tradicionais. Ou seja, nas regiões mais remotas existe um problema de censo e essa falta de censo dificulta coleta do número real de pessoas que lá vivem. Portanto, a variabilidade desses números, aos quais não corresponde nenhum recenseamento confiável, é proporcional à questão política da demografia étnica nos Estados africanos nos quais vive essa população.

Os estudos sobre os povos Imazighen/Amazigh, notadamente aqueles dedicados à sociedade Kel Tamasheq ainda recebem pouca atenção em diferentes centros acadêmicos. No Brasil, há grande escassez de pesquisas e produção acadêmica neste campo, que permanece desconhecido mesmo entre pesquisadores/as. Entre os raros trabalhos, cabe assinalar as publicações do Mahfouz Ag Adnane (2014 e 2019) sobre temas coloniais e, principalmente, pós-independência, com pesquisas ligadas aos kel tamasheq (Mali, Níger e Argélia, principalmente) e, também, aos amazighs do sul do Marrocos. Trata-se de pesquisa recente que reflete sobre as lutas por autonomia e independência, dinâmicas culturais e sociopolíticas no século XX. Há ainda, os trabalhos de Maria Cristina Nicolau Kormikiari (2001 e 2008), pesquisadora no campo da arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da

Universidade de São Paulo (USP). Suas pesquisas incluem arqueologia, numismática e iconografia no norte da África amazigh.

Existem internacionalmente pesquisadores interessados pelo assunto, mas de forma muito tímida. Portanto, entre as raras pesquisas sobre este tema fora do Brasil, vale frisar os trabalhos do Dida Badi Ag Khamadine (2010; 2012 e 2017), pesquisador que foi afiliado ao Centro Nacional de Pesquisa Pré-histórica, Antropológica e Histórica da Universidade de Argel, sobre assuntos relacionados à sociedade Kel Tamasheq na Líbia durante o governo Gaddafi e pós-Gaddafi. Além deste, não podemos ficar sem citar a pesquisadora Helène Claudot-Hawad (1986; 1990; 1996 e 2001), que estuda questões voltadas à sociedade Kel Tamasheq durante a colonização, nascimento de Estados africanos independentes, a relação dessa sociedade com os Estados-nação e o conceito de multiterritorialidade. Além disso, ela liderou um grupo de pesquisa cujo trabalho se concentra nos espaços semi-nômades sahelos-saarianos no CNRS (Centre National des Recherches Scientifiques).

O presente trabalho pretende discutir a situação política e social da sociedade tuaregue, *Kel Tamasheq*, na Líbia (a chamada “Questão Tuaregue” termo usado por Ag Khamadine (2010, 2012 e 2017) no caso da Líbia, e anteriormente por Claudot-Hawad (1987; 1990; 1996; 2001 e 2008) e Boilley (1999) no caso dos países de Saelo-saarianos (Argélia, Mali e Níger), no contexto do final do século XX até os dias atuais, dando mais atenção à última década pós-Gaddafi, ou seja, de 2011 a 2021. A questão-problema que orienta a presente reflexão pode ser assim formulada: *quais são as consequências sociopolíticas da queda de Muammar Gaddafi e da constituição das novas estruturas de poder para a consolidação da cidadania Kel Tamasheq na Líbia ?*

Tal recorte se mostra importante contribuição do trabalho em razão de vários fatores. O principal deles é ligado à lacuna de estudos sobre os Kel Tamasheq, e à necessidade de uma reflexão acadêmica que reconheça a luta pela autodeterminação no espaço sahelos-saariano, assim como os interesses de atores políticos da região. Sua relevância do tema para as Relações Internacionais é significativa uma vez que a questão discutida está relacionada à segurança e às transformações políticas no Saara, particularmente na Líbia, mas afetando diretamente os países vizinhos como Egito, Níger, Chade, Argélia, Mali etc.

A premissa inicial é que os Kel Tamacheque constituem uma das nações sociológicas¹ não árabes nem arabizadas, apesar de serem muçulmanos sunitas, que compõem o

¹ Termo adotado por AG ADNANE (2019), para as formações sociais que se assumem e defendem sua identidade tamasheq, a partir do entendimento de Mwayila Tshiyembe (2001).

Estado-nação líbio. Sua base sociocultural e econômica está sedimentada historicamente como semi-nômade e é dedicada à pastorícia e à agricultura (oásis). Estabeleceram-se, principalmente, no sudoeste do país, na região de Fezzan, em uma área que se estende desde a cidade oásis de Ubari até Ghat e Ghadames. Diferentemente de outras regiões do Saara central, Fezzan (região Tamasheq, ver mapa a seguir) na Líbia constitui uma centralidade histórica e simbólica, mas também geopolítica. Centralidade não apenas na escala nacional, mas também na escala da região do Saara-Sahel. Isto se explica pelo fato de que as reconfigurações políticas e territoriais em Fezzan e no Sahel estão fortemente relacionadas e interagem entre si.

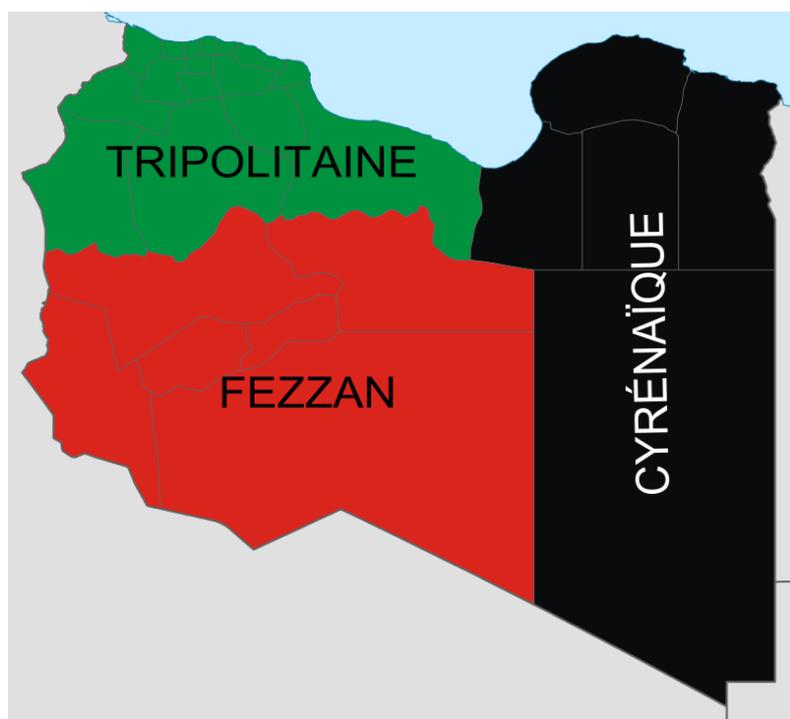


Figura 1: Mapa político da República Líbia com as três diferentes regiões principais do País.

Fonte: Google.

Desse modo, sob o regime de Muammar Al-Gaddafi (1942-2011), esse grupo aderiu às forças armadas, em um acordo com as autoridades líbias para que atendessem sua demanda de naturalização. No entanto, esse processo não se concluiu, talvez devido à queda do regime líbio em 2011, fazendo com que muitos deles permanecessem apátridas.

Durante a revolta popular de 2011, um número significativo de Kel Tamasheq se manteve aliado a Gaddafi, particularmente aqueles que tinham integrado suas forças de segurança.² Contudo, outros aliaram-se às forças revolucionárias (anti-Gaddafi). Após os

² Forças de elite como a Brigada Khamis, na forma de 32ª Brigada Blindada do Exército Popular, foi uma brigada de forças especiais do exército líbio de 2000 a 2011. Comandada por Khamis Gaddafi, o filho mais novo

graves eventos de 2011³, os tuaregues passaram a ser, frequentemente, considerados colaboradores do regime deposto, independentemente das diferenças internas e das posições individuais. Com isso, a repressão e a intimidação persistiram contra eles (MURRAY, 2017).

Tendo em vista as mudanças que têm ocorrido nas sociedades africanas desde a invasão europeia no continente e sua partilha até os tempos da sua descolonização, é de fundamental importância também analisar a partilha da nação Tuaregue entre vários países (Argélia, Burkina Faso, Líbia, Mali, Mauritânia e Níger) da faixa saelo-saariana, buscando assim reverter a visão de que a África de norte e o Saara são compostos apenas por árabes, fortalecendo a visibilidade e o conhecimento acerca dos povos autóctones dessa parte do mundo, particularmente da Líbia. Outrossim, procura-se discutir as posições, divisões, estratégias e alianças Tamasheq no conflito iniciado em 2011, examinando sua luta por direitos e reconhecimento político, econômico, cultural, social e educacional, uma vez que essa população faz parte da estrutura social líbia. De forma geral, percebe-se que além de secas recorrentes, interesses econômicos globais e tentativas locais e supralocais de impor hegemonia política tornaram a vida cada vez mais difícil para as pessoas que seguem caminhos de vida nômades saarianos durante as últimas décadas. Um dos exemplos mais recentes disso é justamente a intervenção ocidental que acabou com o regime de Gaddafi e contribuiu para a proliferação de armas na faixa saelo-saariana, intensificando a insegurança para além das fronteiras líbias.

Ademais, levando em consideração a escassez de trabalhos sobre o tema, este estudo pode contribuir também para combater preconceitos que disseminam a ideia de que só existe areia nas regiões saarianas, demonstrando a presença de seres humanos, com próprio seu modo de vida, que lutam dia e noite por seus direitos fundamentais.

Nesse sentido, a relevância deste tema, em primeiro lugar, está justamente na tentativa de mudar a imagem estereotipada da sociedade Kel Tamasheq no plano internacional, oferecendo dados produzidos a partir de fontes locais que não são consideradas no tratamento da mídia e da literatura de caráter científico. Ademais, a pesquisa tem a finalidade de trazer para o Brasil novos elementos para que pesquisadores da academia brasileira possam ter noção da situação de povos saarianos e norte africanos em tempos de mudanças globais.

de Muammar Gaddafi, esta unidade de 10.000 homens era considerada a mais bem treinada e equipada das forças armadas líbias, e a mais eficaz das três unidades de proteção do regime. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Brigade_Khamis Acesso em: 06/09/2022.

³ Devido à intervenção ocidental, especificamente da OTAN.

Outro aspecto fundamental que deve ser levado em conta para justificar a importância e o interesse sobre o tema é o fato de que muitos Kel Tamasheq que vivem nas regiões do Saara central e Sahel estão sendo pressionados para a sedentarização, pois foram obrigados a mudar de estilos de vida nômade para estilos de vida urbanos nas últimas décadas. Para além disso, eles estão sendo forçados a cruzar fronteiras internacionais sem a devida identificação, nacionalidade ou cidadania devido aos impulsos da política internacional (KOHL e FISCHER, 2010). Por fim, nota-se que desde o início da revolta líbia até os dias atuais o foco permanece em “Gaddafi”, “autoritarismo”, “islamismo” e depois a briga entre o chefe miliciano Khalifa Haftar⁴ e as autoridades de Trípoli desde 2016 (reconhecidas pela ONU e países ocidentais), quando se trata do país norte africano. Então, a contribuição aqui visa demonstrar que existem outros atores importantes para estabilidade e reconstrução do tecido social líbio depois da administração Gaddafi.

Feitas todas essas considerações, é possível perceber que tal pesquisa pode contribuir para os debates no campo das Relações Internacionais, uma vez que se debruça sobre os estudos acerca do papel de vários atores e a relação contemporânea entre geografia e política nas regiões Amazighs - os kel tamasheq neste caso - do Saara central, a partir dos múltiplos processos de resistência e luta por direitos fundamentais e pelo direito à mobilidade em vários espaços saarianos. O objetivo é contribuir com a construção de uma nova perspectiva de conhecimento empírico sobre essa parte de África em tempos pós-coloniais.

Assim, ao levarmos em consideração os pontos elencados acima, a ideia é pensar as Relações Internacionais contemporâneas a partir de perspectivas de povos autóctones, na conformação de um campo de conhecimento capaz de ultrapassar os enfoques ancorados na perspectiva eurocêntrica.

O objetivo central deste estudo é mapear os desafios da construção da cidadania dos *Kel Tamasheq (Tuaregues)* na Líbia contemporânea, considerando tanto o período de Gaddafi (1969-2011) como o posterior (2012-2021). Seus objetivos específicos são:

1. Descrever os desafios e debates na construção dos direitos sociais, civis e políticos dos Kel Tamasheq na Líbia,
 - a. Entre 1969 e 2011 durante a Jamahiriya de Gaddafi

⁴ Haftar tornou-se militar em 1966 sob o rei Idris 1º. Três anos mais tarde, aderiu ao golpe de Gaddafi contra a coroa senussi. Nas duas seguintes décadas, ele ascendeu aos escalões das forças armadas líbias, e na década dos anos 80 foi comandante no conflito da Líbia com o Chade. Porém, foi capturado pelo exército do Chade e preso neste país durante muitos anos até em 1987 que conseguiu sair da prisão e foi morar nos EUA e hoje tem cidadania estadunidense inclusive. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/quem-e-khalifa-haftar-lider-do-exercito-nacional-libio.shtml>.

- b. Após 2012, considerando os conflitos, o Governo de Transição e a situação presente.
2. Analisar os elementos comuns e as diferenças quanto ao reconhecimento e pleno pertencimento dos Kel Tamasheq nos Estados nacionais do norte africano (Argélia, Níger, Mali), apresentados na literatura acadêmica.
3. Identificar perspectivas de análise da juventude Kel Tamasheq sobre a situação de seus direitos nesses países.

Desde o início dos anos 70, quando ele chegou ao poder por um golpe militar, o ex-dirigente da República líbia, Muammar Gaddafi, instaurou uma política formada e sustentada por alianças comunitárias dentro do país (CHAKER e FERKAL, 2012). É nesse contexto que ele conseguiu ganhar a confiança da comunidade Kel Tamasheq, apesar da proibição de língua ou cultura diferente da árabe na Líbia. Segundo a perspectiva da Jamahiriya⁵ todos os líbios são árabes e muçulmanos, e do ponto de vista de Gaddafi – de forma mais clara ainda – os Amazighs (incluindo os Kel Tamasheq) são árabes. Desse modo, percebe-se que o controle político sobre a configuração Amazigh ficou, portanto, restrita à repressão e à exclusão (CHAKER e FERKAL, 2012).

Porém, é relevante ressaltar que os Amazighs ou Imazighen são os habitantes nativos da Líbia e de todo o norte da África (berberes). Pois além dos Kel Tamasheq que residem no sudoeste, na cidade oásis de Ghadamès e mais para o sul do país em cidades como Ubari, Sabha e Ghat (considerada centro urbano histórico), há outro grupo Amazigh importante conhecido como *Imazighen de Nefússa* que são líbios nativos também tendo uma cultura e língua diferente do árabe. Além disso, conforme o observado por Salem Chacker e Masin Ferkal (2012), a região Amazighofona (ou de língua berbere) mais importante na Líbia é a de Nefussa. Neste sentido, contamos em grande parte com trabalhos como o de Kormikiari (2001, 2007, 2014), professora da USP que pesquisa sobre a presença romana na região norte do continente africano durante a antiguidade, que traz elementos interessantes sobre a presença Amazigh em grandes áreas do continente africano. Ao discutir e situar o povo Amazigh, ela escreve:

⁵ Jamairia (em árabe: جماهيرية, também transliterado como Jamahiriya) é um termo árabe traduzido geralmente como "Estado das massas" que esteve presente no antigo nome oficial do Estado da Líbia – “Grande Jamahiriya Árabe Líbia Popular Socialista” – desde a "Declaração de Saba" em 2 de março de 1977 até 20 de outubro de 2011. O termo é um neologismo cunhado pelo então líder líbio Muammar al-Gaddafi em seu *Livro Verde* e destinado a descrever um tipo de Estado similar à "República Popular" dos Estados socialistas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jamairia#:~:text=Jamairia%20\(em%20%C3%A1rabe%3A%20%E2%9F%A4%E2%8E%E2%AB%E2%BB%B4%E2%AE%E2%BB%B3%E2%94%2C,at%20de%20outubro%20de](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jamairia#:~:text=Jamairia%20(em%20%C3%A1rabe%3A%20%E2%9F%A4%E2%8E%E2%AB%E2%BB%B4%E2%AE%E2%BB%B3%E2%94%2C,at%20de%20outubro%20de)

Na Antigüidade, o nome amazigh (tamazight, no feminino, e imazighen, no plural), o qual é, aparentemente, utilizado pelos próprios berberes como designação étnica de seus grupos indígenas, surge, em inscrições líbicas, na forma MSK; em inscrições romanas nas formas mazic, masik, mazix e mazica (feminino com uma desinência latina) (GSELL 1927, vol.V: 116; Camps 1960: 27). Este nome foi usado também no começo da era cristã para denominar diversos grupos indígenas. É um étnico largamente difundido por todos os países berberes e é usado no topônimo. Trata-se da raiz MZG ou MZK que aparece também nos nomes mázaces (de época romana), maxies (em Heródoto), mazyces (em Hecateu), maxitani (em Justino), meshwesh (nas inscrições egípcias). Os imuhagh, do oeste do Fezzan, os imazighen, do Aír, os imazighen, do Aurés, do Rif e do Alto Atlas, entre outros, conservam este nome. O tamaseght (tamachek) é a língua dos touaregues, que chamam a si mesmos de imouchar. O uso indiscriminado, nos textos antigos, do nome mazices para povos diferentes, nômades, montanhese etc., em períodos diversos e habitando regiões distantes umas das outras, parece mostrar que este seria o único nome indígena de aceitação geral (KORMIKIARI, 2001, p.56).

Antigos trabalhos de historiadores e filósofos, tais como Heródoto e Ibn Khaldun, sobre o tema deste capítulo, são de fundamental importância para embasar a profundidade histórica e cultural da identidade Amazigh enquanto povo nativo norte africano. Porém “os interesses coloniais e pós-coloniais constituem ainda um obstáculo político e epistemológico para seu entendimento” (ADNANE, 2014, p.29). Portanto, temas relacionados à região norte de África em geral e particularmente a *amazighidade* (berberidade) líbia são sub-documentados e pouco conhecidos (CHACKER e FERKAL, 2012), especialmente em fontes de língua portuguesa.

A pesquisa de Mahfouz Ag Adnane (2014, 2019) teve como um dos seus objetivos situar a sociedade Tamasheq no universo Amazigh (berbere) e em relação aos dois eixos organizadores que compõem a fundação da sociedade: isto é, “*tumast* (o que somos todos juntos, nação) e *tamurt* (cultura tamacheque)” (ADNANE, 2014, p.27). Desse modo, as causas da resistência tamasheq não podem ser encontradas apenas no despertar do sentimento de identidade. Elas também são objetivos e se relacionam com a injustiça do desenvolvimento desigual, a divisão Norte/Sul, o fosso antigo que separa sua realidade de outros cidadãos onde quer que eles estejam (ADNANE, 2015) em todos esses países onde eles estão presentes. Neste contexto de desigualdade, para além das fronteiras da Líbia, essa comunidade desenvolve diversas estratégias para conseguir seus direitos fundamentais enquanto cidadãos em países como Níger e Mali. Assim, “a rebelião tamacheque e árabe de 1990, foi uma luta pela real integração ao Estado-nação malinês e suas instituições” (ADNANE, 2019, p. 58), ou seja, uma resposta e recusa à marginalização.

De acordo com o trabalho de Chaker e Ferkal (2012), os acontecimentos na Líbia desde fevereiro de 2011, que resultaram na derrubada da ditadura Gaddafi, trouxeram à luz o

importante papel desempenhado pelos Amazigh, em especial os de Jebel Nefoussa, no levante. O envolvimento armado dos Amazighs/Imazighen deu uma contribuição crucial para a derrubada final do regime e a tomada de Trípoli na “frente ocidental”⁶ (ou Tripolitânia) (CHACKER e FERKAL, 2012). Os Kel Tamasheq participaram da revolta líbia nos dois lados, ou seja, em sua maioria este grupo permaneceu fiel ao coronel Gaddafi (MURRAY, 2017), no entanto, outros Tamasheqs se rebelaram contra o governo, ao exemplo de Mussa Al-Koni, o embaixador líbio no Mali, que buscou abrigo na França se juntando aos revolucionários (WEHREY, 2017).

Sobre o caso dos Tamasheq da Líbia e sua relação com Gaddafi, conforme o argumentado por Badi (2017), a crise na Líbia destacou o alcance e a importância da manipulação da aliança de linhagens, que Gaddafi operou desde que chegou ao poder em 1969, ao derrubar a monarquia federal dos Senucide. Desse modo,

Embora os movimentos da Primavera Árabe tenham mostrado a importância da sociedade civil na mobilização das pessoas contra os regimes, os movimentos tribais e contra os regimes em vigor, as alianças tribais e clânicas foram, no entanto, utilizadas como *modus operandi* para a revolução líbia, na luta contra o regime de Gaddafi, devido à ausência de uma sociedade civil genuína e de partidos políticos organizados⁷ (AG KHAMADINE, 2017, p.25, tradução nossa).

Para entender a questão dos Kel Tamasheq especificamente no sudoeste da Líbia, é relevante explicar que estão divididos em dois grupos: um primeiro grupo formado por Kel Tamasheq pertencentes às confederações Kel Ajjer, um vasto agrupamento de comunidades presentes na Líbia e que também se estende a uma parte do território argelino. Historicamente estabelecidos ao longo da fronteira destes dois países, estes Kel Tamasheq têm raízes líbias que remontam a vários séculos. E um segundo grupo que é composto por Kel Tamasheq que chegaram à Líbia nos anos 70 vindos dos países sahelianos do Mali e do Níger, fugindo da pobreza, da seca, do desemprego e, sobretudo, da repressão das forças armadas desses países da África Ocidental (AG KHAMADINE, 2017; KOHL, 2010; CHAKER e FERKAL, 2012).

Dessa forma, a política nacional de Gaddafi, durante as décadas de anos 70 e 80, aproveitou para atrair os jovens tamasheq sahelianos particularmente desfavorecidos (de Mali e do Níger) conhecidos sob o nome “*Ishumar*” (vem do francês *chômeurs*, ou seja, desempregados), prometendo para eles salários e documentos de identidade em troca da adesão às forças armadas do regime (KOHL, 2010). Muitos deles então se juntaram às fileiras

⁶ No original “front Occidental” (CHACKER e FERKAL, 2012).

⁷ Do Original: “ De manière générale, la révolution libyenne du 17 février permit aux Touareg de s'affirmer pour la première fois en tant qu'entité amazighe visible et non arabiste et s'essayer à la difficile expérience de l'émergence d'un embryon de la société civile, bien que sous-tendu par l'organisation lignagère traditionnelle” (BADI, 2017, p.25)

do regime, integrando as forças especiais do regime já nos anos 80; alguns desses jovens Ishumar foram enviados como mercenários pelo ditador líbio para lutar no Chade, Palestina, Líbano e Uganda. Portanto, esse processo de naturalização prometido por Muammar Gaddafi desde os anos 80, para a população Kel Tamasheq no sul da Líbia, permaneceu incompleto quando eclodiu a revolta de 2011 no país. Como uma das consequências da queda do Gaddafi, muitos jovens desta comunidade ainda não têm acesso aos mesmos serviços e oportunidades que outros habitantes do país, pois não possuem a caderneta familiar necessária para se candidatar a um emprego, um programa universitário, um empréstimo bancário, entre outras coisas fundamentais na vida cotidiana dessas pessoas.

Para além disso, Badi (2017) afirma que após a queda do governo Gaddafi, ativistas⁸ Amazigh no exílio lançaram a luta pela preservação da identidade Amazigh na Líbia nos últimos 20 anos. Nesse contexto, o Congresso Nacional Amazigh da Líbia foi estabelecido em 1º de setembro de 2011, após a queda da ditadura de Gaddafi, e lançará oficialmente a "questão Amazigh" na Líbia pela primeira vez.

De acordo com o autor, a demanda pela constitucionalização do idioma Tamazight surgiu como resultado principal da criação do congresso nacional Amazigh (AG KHAMADINE, 2017). Para além disso, a ideia foi levada principalmente por líderes Amazighs de Jebel Nafussa, que pretendiam espalhá-la para todos os grupos Amazighs do país, incluindo os Kel Tamasheq, a fim de se libertar do isolamento em que a ditadura panarabista de Gaddafi os colocou. Portanto, os iniciadores tentaram alcançar os Kel Tamasheq logo no início do pós-queda de Gaddafi, em um esforço para mobilizá-los por trás da demanda feita durante a cúpula de Ubari, mas essa proposta só recebeu apoio entre a juventude tamasheq. De acordo com a matéria publicada pelo jornal *The Humanitarian* (2015), sob o governo de Muammar Gaddafi, a exemplo de outras comunidades não árabes, os Kel Tamasheq eram uma minoria marginalizada. Isto é, o regime, que defendeu o pan-arabismo, recusou-se a reconhecê-los como um grupo étnico indígena e a fornecer-lhes documentos líbios (THE HUMANITARIAN, 2015).

De ponto de vista analítico, conforme o apontado por Ines Kohl (2010), os Estados-nação que surgiram depois da colonização, não reconheceram os Tamasheq como uma unidade social, política e geográfica, ao contrário, estabeleceram sua marginalização. Portanto, eles são agora uma minoria em sua terra natal. Enquanto estas populações estão sendo marginalizadas política e economicamente no Mali, Burkina Faso e Níger, na Argélia e

⁸ Fundadores do Congresso Amazigh da Líbia em Londres em 2000, conforme o próprio autor (AG KHAMADINE, 2017).

na Líbia eles estão sendo expostos a fortes tendências para a arabização como estratégias de assimilação (KOHL, 2010). Desse modo, na contemporaneidade, “os movimentos transnacionais também são impulsionados por uma ideologia e filosofia particular que os liga à uma nação imaginária sem Estado (Tumast)⁹” (KOHL, 2010, p.452, tradução nossa).

Quanto à relação da sociedade Kel Tamasheq com o Estado-nação pós-colonial, primeiro, houve a incompreensão das populações tamasheq sobre as mudanças trazidas pela independência e sua surpresa ao verem a administração francesa tão rapidamente substituída por soldados e funcionários públicos do Sul (CLAUDOT-HAWAD, 2001) no caso dos Estados do Sahel (Mali e Níger), enquanto permaneciam otimistas sobre uma Organização Comum das Regiões do Saara (OCRS), como prometido pela França alguns anos antes. Neste contexto, a pesquisadora Delphine Perrin (2014) afirma que, “de fato, a OCRS criada pela lei francesa de 10 de janeiro de 1957 reforçou as esperanças de um Estado saariano¹⁰” (PERRIN, 2014, p.303, tradução nossa). Essa observação lembra o fato do Movimento Nacional da Libertação de Azawad (MNLA) no Mali ter expulsado o exército nacional do país da região de Azawad (a parte norte do país, região Tamasheq) e declarado independência em 6 de abril de 2012, demonstrando assim a rejeição da comunidade Kel Tamasheq ao Estado central do Mali.

No que se refere à questão de transnacionalidade e reconfiguração de laços territoriais, a fronteira é o exemplo mais óbvio e direto do Estado moderno do Saara, conforme Claudot-Hawad (2008). Ou seja, as fronteiras que separam este vasto deserto e as estepes que os Kel Tamasheq controlavam anteriormente são resultado direto de incursões coloniais anteriores. Os contornos do Saara foram moldados pelo avanço dos soldados designados para conquistá-lo no final do século XIX. Ela explica que a região foi disputada por vários atores como tropas otomanas posicionadas no leste, seguidas por italianos e tropas inglesas no sul, porém o mais importante ator foi a França cujo dois itinerários do seu exército coloniais, uma parte partindo de Argel no norte e outra partindo de Dakar no oeste, ocuparam esta área (CLAUDOT-HAWAD, 2008). E as territorialidades do Estado foram predeterminadas pelas posições desses exércitos adversários.

Neste contexto, Claudot-Hawad argumenta que a maioria dos nômades não consegue atravessar as fronteiras estatais pela exigência de documento de identidade (como passaporte ou carteira de identidade), bem como o pagamento de taxas alfandegárias. Já a Argélia

⁹ Tradução do original: “The transnational movements are also pushed by a particular ideology and philosophy of being connected to an imagined stateless nation (Tumast).” (KOHL, 2010, p.452)

¹⁰ Em original: “Indeed, the ocrs created by French law of 10 January 1957 bolstered hopes for a Saharan State.” (PERRIN, 2014, p.303).

proibiu caravanas comerciais (principal fonte de renda dos saarianos antes das independências) logo em 1963, ano em que conquistou a independência, em um esforço para manter o controle mais rígido possível sobre a sua região saariana (CLAUDOT-HAWAD, 2008). Dessa forma, foram tomadas medidas para romper ou enfraquecer os laços entre os Kel Tamasheq do Norte, que se tornaram argelinos e líbios, e os do Sul, anexados aos Estados do Sahel (Mali e Níger). A extração de recursos minerais, cujas maiores reservas se encontram em terras tamasheq nos lados argelino e líbio, é a principal questão. Portanto, “o objetivo é extinguir qualquer sugestão de reivindicação comunitária, que rapidamente assumiria uma dimensão supra-estatal entre os tuaregues¹¹” (CLAUDOT-HAWAD, 2008, p.8 tradução nossa). Saint Girons (2008) considerou que Hélène Claudot-Hawad baseou todo o seu trabalho na imagem de uma tenda tamasheq e nas estacas que a sustentam, uma metáfora para toda a sociedade: se uma estaca cai, a tenda desmorona e o velino vai se despedaçar. Dessa forma, foi o que aconteceu com a irrupção dos franceses na terra dos Kel Tamasheq e a independência só agravou a lágrima (Claudot-Hawad, 1990, 2001 e 2008). Ainda sobre a relação entre os tamasheq e os Estados do Mali e Níger, o problema foi baseado na falta de comunicação e na falta de compreensão mútua devido à separação geográfica e cultural dos tuaregues dos centros de poder de seus diferentes países (PERRIN, 2014).

Sobre a questão de cidadania, vale a pena observar o trabalho da Delphine Perrin (2014) e o modo como ela discute a hipótese de que as populações Kel Tamasheq seriam indiferentes no que diz respeito à cidadania, focando a pesquisa dela nos Kel Tamasheq do Mali e do Níger. Desse modo, seu estudo procurou “entender se e por que a relação dos tuaregues com a cidadania seria caracterizada pela hostilidade, ceticismo ou indiferença, uma percepção que é frequentemente aplicada às minorias transnacionais, em particular quando elas estão associadas a uma cultura de mobilidade e/ou a um território remoto” (PERRIN, 2014). Mas para elaborar melhor a sua investigação, ela preferiu basear-se sobre o que ela chama de cidadãos transfronteiriços (PERRIN, 2014), ou seja, uma comunidade de jovens Tamasheq “os Ishumar” e sua atuação política nacional e transnacional. Neste sentido, a autora tentou elucidar algumas razões que causaram a travessia de fronteiras transnacionais desses jovens sem documentos, nacionalidades ou cidadania: urbanização forçada, repressão militar, processos globais, entre outros.

Dessa forma, os Ishumar passaram a representar uma ameaça significativa à lealdade do Estado no caso dos países (Mali e Níger) analisados pela pesquisadora (PERRIN, 2014),

¹¹ No Original: “L’objectif est d’étouffer toute velléité de revendication communautaire, qui prendrait rapidement chez les Touaregs une extension supra-étatique.” (CLAUDOT-HAWAD, 2008, p.8).

além de servirem como agentes de inclusão nas atividades governamentais. Para além disso, o texto passa deles, portanto, para um exame mais aprofundado de como os *tamasheq*, como sujeitos políticos de um Estado-nação territorial, alteraram e variaram suas posturas e ações individuais e coletivas em relação ao Estado ao longo de décadas de divisões, rebeliões e reivindicações dentro e fora das fronteiras estatais. Além disso, Perrin (2014) faz uma observação interessante de que, em todos os países onde são presentes, os Kel Tamasheq vivem num território que constitui a região mais pobre desses Estados (Argélia, Líbia, Mali, Níger e Burkina Faso) em alguns dos países mais pobres do mundo (Mali e Níger, por exemplo). Os dois últimos países são ex-colônias francesas e figuram entre os países menos desenvolvidos. No aspecto político, ambos os Estados¹² possuem histórico caracterizado por uma série de mudanças políticas antidemocráticas, instituições fracas, turbulência política, portanto, no que tange à questão de distribuição de poder o pertencimento étnico é muito importante (PERRIN, 2014). Sendo assim, ela argumenta que:

Essas características evidentemente impactam a natureza e a extensão da cidadania. Embora geralmente não influenciam a adesão legal ao Estado – Mali e Níger não usaram a concessão ou remoção de cidadania como uma ferramenta política como a Líbia – eles afetam fortemente os direitos e atitudes dos cidadãos em relação ao Estado e à cidadania. Entre esses cidadãos, os tuaregues constituem uma minoria que vive principalmente em parte desértica desses Estados¹³ (PERRIN, 2014, 301, tradução nossa).

Com o objetivo de responder à pergunta norteadora do trabalho, será mobilizada uma metodologia que vai envolver uma pesquisa dedutiva básica, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica, entrevistas e análise de redes sociais.

Para além disso, será empregada uma abordagem qualitativa, a fim de realizar a seleção e análise de documentos diversos, tais como ensaios, artigos, materiais de jornal e livros de estudiosos sobre o tema, redes sociais, bem como *entrevista não dirigida na língua Tamasheq* com membros do movimento civil *La Lil Tamyiz* ("não à discriminação") formado no início de fevereiro de 2020 por um grupo de jovens Tamasheq das regiões de Ghat, Oubari e Sebha no sul da Líbia e outros personagens envolvidos no processo e depoimentos de

¹² Mali teve cinco *golpes militares de Estado* (1968, 1991, 2012, 2020 e 2021) e 24 anos de ditadura militar (Moussa Traoré 1963-1991); o Níger teve quatro *golpes de Estado* (1974, 1996, 1999, 2010) e sete repúblicas diferentes.

¹³ Do original "Those features evidently impact the nature and extent of citizenship. While they generally do not influence legal membership to the state – Mali and Niger have not used citizenship granting or removal as a political tool like Libya did – they heavily affect citizens' rights and attitudes toward state and citizenship. Among these citizens, Tuaregs constitute a minority who mostly live in the desert part of those states." (PERRIN, 2014, p.301).

peças demandantes de cidadania Líbia. A questão do documento de identidade¹⁴ é um dos assuntos mais importantes hoje na Líbia.

No que diz respeito à revisão bibliográfica, serão analisados tanto os textos de uma literatura mais ampla, que aborda as questões a relação entre Kel Tamasheq de forma abrangente e o Estado-nação na sequência da descolonização, quanto uma literatura mais específica, que trata sobre a ligação dos Kel Tamasheq líbios com o Estado durante e pós-governo de Gaddafi. Desse modo, propõe a realização de levantamento e estudo crítico histórico-bibliográfico considerando a literatura em português, inglês e francês, a fim de mapear a produção acadêmica relevante e contextualizar suas temáticas, além de uma análise de canções escritas pelos integrantes do movimento cultural denominado “*Teshúmara*”, do qual alguns membros pertencem atualmente à banda Tinariwen, e uma série de entrevistas orais realizadas em tamasheq, em francês, via rede social (WhatsApp).

Os nossos entrevistados são : Magdi Ag Bohina e Mehdi El-Ansary são Tamasheq líbios e são integrantes da sociedade civil da província de Fezã e são membros do movimento civil *la lil tamyiz* (não à discriminação!) onde vivenciaram todas as manifestações relacionadas ao pedido de documentação e mais inclusão há anos.

Outra entrevistada é Inès Tazidert que é ativista e membro da sociedade civil tamasheq do sul da Argélia e é membro da ONG *Imuhagh International*, uma organização pela defesa e monitoramento da situação de direitos dos Kel Tamasheq na Argélia, Mali, Níger, Líbia, Mauritânia, Burkina Faso e diáspora.

No que se refere a *entrevista não dirigida*, ela é um instrumento de pesquisa qualitativa para a coleta de dados. Ou seja, “é feita com perguntas abertas e parte do princípio de que o informante é capaz de se exprimir com clareza. O entrevistador deve se manter apenas escutando, anotando e interagindo com breves perguntas” (BRASILEIRO, 2021, p.84). Isto é, um procedimento utilizado para obter informações detalhadas sobre um assunto geral e permite realizar uma investigação. Ou seja, preocupa-se em desenhar os contornos para discutir como e quais são os principais embates e desafios da inserção e participação dos Kel tamacheque no contexto da Líbia, como cidadãos plenos.

2. A SITUAÇÃO TAMASHEQ NA LÍBIA DURANTE E PÓS-GADDAFI

¹⁴ Na Líbia, a principal prova de cidadania é um tipo de caderneta da família no qual constam todos os nomes dos membros da família. No entanto, a maioria das famílias tuaregue do sudoeste da Líbia não possui o documento necessário. Disponíveis em: [The New Humanitarian | Les minorités libyennes revendiquent leurs droits](#), 2012.

Nesse primeiro capítulo, vamos descrever os desafios políticos encontrados pelas populações Amazighs em geral na Líbia, sob e após o regime de Muammar Gaddafi (1969-2011), enquanto cidadãos. Além disso, iremos analisar a atuação particular da comunidade Kel Tamasheq durante e pós-Gaddafi na Líbia e além de fronteiras.

2.1- Papel político dos Amazighs líbios durante e depois do governo Gaddafi

Durante o governo ditatorial do coronel Muammar Gaddafi na Líbia (1969–2011) foi estabelecida uma identidade nacional centrada na arabidade por quatro décadas. E com base no ambiente político e nos objetivos de política externa da *Jamahiriyah líbia*, as identidades africana e islâmica foram adicionadas a esta identidade (DESRUES, 2017). O componente Amazigh do país nunca foi considerado nessas referências identitárias, que se diferenciam pelo selo pan-arabista à rejeição dos limites coloniais e da influência das potências ocidentais na África e no Oriente Médio.

No entanto, a amazighidade é de fato uma realidade enraizada na história da Líbia. O nome do país vem do “Libu”, o nome de uma tribo Amazigh, que deu origem ao termo grego “Libyè”, que na antiguidade se referia à margem do território norte-africano que faz fronteira com o Mediterrâneo, desde o Egito até o Atlântico¹⁵ (DESRUES, 2017, p.2, tradução nossa).

Outro aspecto interessante, é que os Amazighs líbios também, à exceção dos Kel Tamasheq, se distinguem do restante da população sunita (predominantemente de língua árabe) por sua obediência religiosa ibadita, uma corrente heterodoxa minoritária do Islã exclusivo de alguns grupos Amazigh do norte da África, no Jebel Nefussa na Líbia, Djerba na Tunísia e o Mzab na Argélia (DESRUES, 2017, p.2). Desse modo, Chaker e Ferkal (2012) afirmam que:

É provável que esta emergência cultural berbere seja reforçada pelo ibadismo majoritário, fator de reforço da consciência de uma especificidade etnocultural no conjunto líbio, predominantemente de língua árabe e sunita (CHAKER e FERKAL, 2012, p.110, tradução nossa).

Portanto, partindo dessa perspectiva dos autores Salem Chaker e Masin Ferkal (2012), pode-se dizer que o pan-arabismo e o sunismo contribuíram para fortalecer a unidade nacional líbia em uma nação com fortes tendências centrífugas provocadas por dinâmicas tribais e regionais. Estes dois fatores ajudaram a destacar a síndrome da minoria

¹⁵ Em original: “Or, l’amazighité est bel et bien une réalité ancrée dans l’histoire de la Libye. On rappellera que le nom du pays vient de « Libu », nom d’une tribu amazighe, qui a donné le terme grec « libyè » qui désigne dans l’Antiquité la frange de territoire de l’Afrique du Nord bordant la Méditerranée, de l’Égypte à l’Atlantique.” (DESRUES, 2017, p.2).

experimentada pelos Amazighs, eliminando as referências à amazighidade. E esta era a situação no início do século XX durante a luta da irmandade Senoussi contra a ameaça colonial italiana, que teve um impacto internacional e tornou a resistência de Adrar N’fussa não reconhecida (DESRUES, 2017).

A história e a organização social dos povos nativos do norte da África antes das eras fenícia e cartaginesa são praticamente desconhecidas (KORMIKIARI, 2001; CHAKER e FERKAL, 2012). Uma vez que,

De colonizadores em colonizadores, os povos autóctones do Norte da África depararam-se, portanto, com fenícios, romanos, vândalos, islâmicos e, já em tempos modernos, com europeus (franceses e italianos essencialmente). Sua existência, deste modo, sempre foi pautada e analisada a partir da perspectiva do outro, do estrangeiro (Kormikiari, 2001, p.11).

Ainda conforme o trabalho de Maria Cristina Nicolau Kormikiari (2001), Heródoto (IV, 181) forneceu indicações sobre a maioria dos grupos indígenas e entre os mencionados por este autor grego encontra-se a denominação “Berberia ocidental e central”. Isto corresponde ao território dos atuais países Argélia, Marrocos, Mauritânia e Saara Central. Além disso, a autora afirma que:

Os primeiros proto-berberes tenham surgido no Neolítico, da fusão de três culturas pré-históricas originárias da própria África e do Oriente: os ibero-maurusienses, os capsenses e os neolíticos (Desanges 1983: 429-430). Já a língua líbica, chamada de “escrita líbico-berbere” refere-se a um sistema de escrita datado do século IV a.C. até o final do período romano e encontrado em mais de mil documentos no Norte da África, no Saara e nas Ilhas Canárias. Os linguistas são unânimes quanto à sua unidade original, que teria se subdividido em alfabetos diferentes, mas correlatos, no período histórico e que pertenceriam a grupos indígenas específicos (Galand 1989: 69). Os diversos dialetos berberes atuais são derivados dessa língua original (no Marrocos temos quase 6 milhões de falantes e na Argélia 4 milhões). (KORMIKIARI, 2001, p.15, nota 7).

Desse modo, é interessante sublinhar que as inscrições rupestres do alfabeto da língua Tamazight, o *Tifinagh* (ⵜⴰⴳⴷⵓⴷⵓⵜ), que sempre permaneceu usado pelos Kel Tamasheq particularmente e todas as populações Amazigh em geral, são outro elemento relevante que fortalece a antiguidade da presença Kel Tamasheq na Líbia moderna. A função do *Tifinagh* é particularmente lúdica, artística e sobretudo simbólica. Portanto, é um ponto proeminente nas gravuras rupestres encontradas em todas as vastas regiões saariana e mediterrânea como um componente da memória cultural e identitária de uma civilização Amazigh que sempre existiu ali. Neste mesmo contexto, a professora Kormikiari (2001) lembra que:

Eles possuíam uma língua própria [...] que se convencionou chamar de líbica na falta de uma denominação original, mas essa língua só ganhou um formato escrito em torno do século IV a.C. após contatos mais extensos com os feniciocartagineses

e com a língua destes, o fenício, que no Ocidente ganhou traços específicos, e passou a ser denominada, atualmente pelos estudiosos, de púnico, do nome dado pelos romanos aos herdeiros desse povo semítico no ocidente mediterrânico (KORMIKIARI, 2001, p.17).

De acordo com Camps (1960: 18 Apud KORMIKIARI, 2001) “ Heródoto (IV, 181) escreve: ‘eu acabei de indicar os líbios nômades que habitam ao longo da costa marítima. Abaixo deles, para o interior, encontra-se a Líbia das feras selvagens...’ ”. A categorização que Heródoto apresenta ao dividir os nativos em agricultores e nômades (pastores) (KORMIKIARI, 2001) faz desse autor uma fonte textual de crucial importância. Porque, essa classificação existe até hoje na sociedade Amazigh: pois, entende-se que existem duas amplas regiões importantes culturalmente e popularmente falando, quando se trata da grande família Amazigh, que são *os amazighs do norte* (na beira mediterrânea) e *os amazighs do sul* (na parte saariana).

Outro aspecto interessante é que entre os vários grupos Amazigh da antiguidade mencionados por Heródoto (IV, 183) há os *garamantes*¹⁶, por exemplo, descritos pelo autor como guerreiros usando carros de caça puxados por quatro cavalos. E “é exatamente esta a imagem que vem das numerosas pinturas e gravuras de carros do Fezzan e do Tassili N’Ajjjer, do Grande Atlas marroquino, da Mauritânia atual e de inúmeras regiões saarianas” (CAMPS 1960: 21 *apud* KORMIKIARI, 2001, p.23).

Voltando à situação contemporânea dos Amazigh na Líbia moderna, o conflito que iniciou em 2011 na Líbia, de fato, só destacou o escopo e o significado da manipulação da aliança de linhagem, que Gaddafi tem feito desde que chegou ao poder, em 1969, destruindo a monarquia federal dos *senúcidas*¹⁷ (AG KHAMADINE, 2017). O coronel Muammar Gaddafi era conhecido por estar mais alinhado com o pan-arabismo antes de traçar uma política externa para formar alianças no continente africano. Sua ideia de uma comunidade árabe líbia homogênea persiste e muitas autoridades norte-africanas árabes ou arabizadas rejeitam (como Gaddafi sempre fez) atualmente a presença das populações Amazighs no norte da África, mas principalmente em solo líbio. Segundo Rodríguez (2011), os *imazighen/amazigh*, assim como agências e observatórios de povos indígenas, denunciaram a

¹⁶ Os *garamantes* (possivelmente do berbere "*igherman*", com o significado de "cidades") foram um povo do deserto do Saara que empregou um elaborado sistema subterrâneo de irrigação, e fundou um próspero reino berbere na região de Fezã, atuais Tunísia e Líbia. Constituíram-se em poder regional entre 500 a.C. e 700 d.C. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Garamantes>. Acesso em 10/03/2023.

¹⁷ A dinastia Senussi (árabe: سنوسية) foi uma ordem político-religiosa muçulmana sufi na Líbia e nas regiões do norte do Sudão. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Category:Senussi_dynasty. Acesso em: 20/12/2022.

criminalização da cultura e língua indígenas nas confederações líbias, que possuem registros históricos que remontam ao Egito antigo.

Depois da queda do regime Gaddafi, o Conselho Nacional de Transição (CNT) e, a partir de junho de 2012, o Congresso Geral Nacional (GNC), como representantes do establishment político, têm defendido até agora a mesma narrativa de Gaddafi (AG KHAMADINE, 2017; CHAKER e FERKAL, 2012; RODRÍGUEZ, 2011). Ou seja, uma identidade nacional árabe e islâmica para a Líbia que é amplamente adotada pela população líbia. Os amazigh que compõem uma boa parte da população líbia têm criticado muito a política de uma “identidade nacional árabe e islâmica compartilhada da Líbia”. Dessa forma, eles defendem que a língua Tamazight e a cultura Amazigh devem ter o mesmo status na constituição [pós-Gaddafi] que a língua e cultura árabes. Em uma reunião realizada na capital Trípoli em 26 de setembro de 2011, eles exigiram que Tamazight fosse reconhecida como uma língua oficial em pé de igualdade com o árabe (RODRÍGUEZ, 2011). Para isso, a liderança política Amazigh propõe que documentos do governo, como passaportes, sejam escritos na escrita Tamazight, *Tifinagh*, por um início.

Para além disso, os líderes políticos Amazigh líbios fizeram afirmações muito definidas sobre o Estado pós-Gaddafi, buscando o reconhecimento do governo líbio como habitantes nativos do país, não apenas como uma minoria ou parte da sociedade líbia. Isso indica que eles desejam uma identidade nacional para a Líbia que não seja principalmente árabe ou islâmica. Assim, eles exigem que a língua *Tamazight* seja reconhecida como língua oficial do Estado ao lado do árabe e não apenas como língua nacional usada pelas populações Amazighs. Portanto, “quanto ao elemento islâmico, eles exigem que a Líbia se torne um Estado laico que reconheça diferentes identidades religiosas em termos iguais¹⁸” (SCHOTT, 2014, p.4, tradução nossa).

Por fim, é neste contexto de união e reconstrução da nação líbia pós-conflito de 2011 que, conforme Ag Khamadine (2017), os Amazigh de Jebel Nefussa tentaram aproximar-se politicamente dos Kel Tamasheq líbios e saelianos estabelecidos naquele país, propondo o sentido de uma identidade pan-Amazigh. Eles queriam, em outras palavras, se libertar de seu isolamento tradicional, da época do governo Gaddafi, em que estavam confinados devido tanto ao seu cisma religioso *ibadita*, no contexto do Islã Malikita (Sunita), quanto à política dos comitês revolucionários, que eram hostis a eles.

¹⁸ Em original: “As for the Islamic element, they demand that Libya becomes a secular state which recognizes different religious identities on equal terms.” (SCHOTT, 2014, p.4)

2.2- Participação política dos Kel Tamasheq durante e pós-Gaddafi na Líbia e além de fronteiras

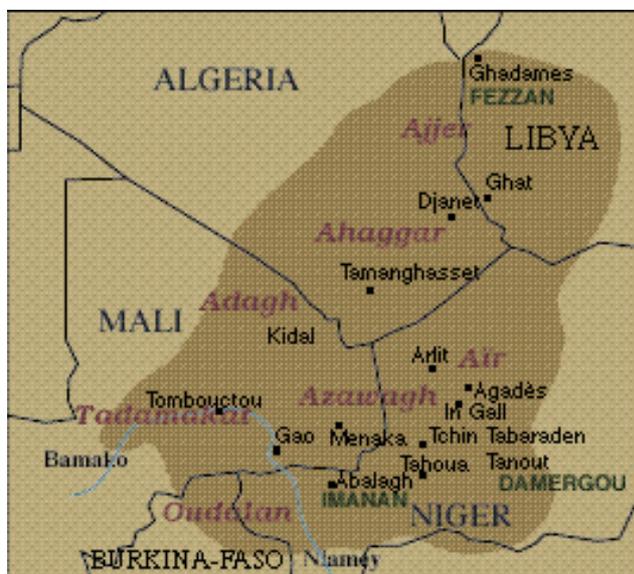


Figura 2: Localização geográfica das unidades tradicionais e políticas Tamasheq.

Fonte: Facebook

Em várias regiões da África e Ásia, existem sociedades (ou nações sociológicas) que ficaram particularmente sacrificadas pelas fronteiras criadas sem considerar as particularidades que ali vivem e pela gestão dos governantes dos novos países que não têm sabido fazer face às dinâmicas culturais e identitárias, respondendo com repressão às reivindicações deste tipo (ADNANE, 2014; 2019). Dessa forma,

Nos contextos de independência colonial, geraram-se novos circuitos de poderes que produziram, por sua vez, marginalizações e experiências históricas que não correspondiam aos símbolos mobilizados - por meio da língua, ritmo, estética, heróis culturais e históricos, entre outros -, para respaldarem projetos nacionais de países como o Mali e o Níger. (AG ADNANE, 2019, p.29).

Para compreender a organizacional social e política Kel Tamasheq, nas palavras de Mahfouz Ag Adnane (2019), é oportuno traçar distinções políticas e sociais entre os vários agrupamentos socioespaciais, ou grupos politicamente conhecidos como confederações (*tiwsaten*), termo muitas vezes incorretamente traduzido por tribo. Além disso, Moraes Farias (2010 apud ADNANE, 2019) destaca o equívoco de usar esse termo (tribo) condensado para descrever pessoas que compartilham um ancestral comum e frequentemente formam assembleias, afirmando que prefere a tradução de "confederações" (*tiwsaten / tawsit* no singular) ou "grupos de tambores" (*ettebel*), apesar do fato de que é apenas vagamente preciso.

Tomando em consideração das unidades políticas de *tumast*, presentes em 5 estados nacionais nascidos durante o processo de descolonização, Argélia, Líbia, Mali, Níger e Burkina Faso, conforme o mapa acima, é interessante lembrar também que a maioria desta população está localizada entre o Níger, Argélia e Mali (CLAUDOT-HAWAD, 2008).

Estas populações historicamente nômades, que habitam o Saara Central e suas periferias do Sahel, têm sido tradicionalmente associadas ao movimento e a processos inventivos de adaptação e interação. Porém, além da má partilha de suas terras entre diferentes Estados criados no período pós-colonial, secas recorrentes, interesses geopolíticos e econômicos internacionais e tentativas locais e supralocais de impor controle político colocaram esta sociedade que vivia tranquilamente estilos de vida nômades em uma situação difícil durante as últimas décadas (KOHL, 2010).

Cada vez mais forçados a mudar do estilo de vida nômade para o urbano nas últimas décadas, muitos Kel Tamasheq no Saara e Sahel estão sendo espremidos em sedentarização. Além disso, os caprichos da política internacional estão forçando-os a fazer passagens de fronteira transnacionais sem documentos, nacionalidades ou cidadanias. Os interesses econômicos globais, as sanções da UE, assim como várias tentativas locais e supralocais de impor a hegemonia política transformaram a vida nômade em um negócio desafiador¹⁹ (KOHL e FISCHER, 2010, p.1, tradução nossa).

Os Kel Tamasheq sempre controlaram uma grande parte do Saara e algumas áreas do Sahel até que os franceses assumiram o controle no final do século XIX. Na época eles dirigiam, comercializavam e lideravam caravanas comerciais que ligavam a África mediterrânea à África subsaariana. Portanto, além de serem pastores, também tinham estabelecido uma política de coleta de pedágios de viajantes para que as mercadorias pudessem passar com segurança nas áreas que eles controlam. No entanto, eles viram mudanças territoriais e administrativas substanciais, bem como novas instituições sociais e políticas, como resultado da invasão, ocupação e partilha territorial provocados pelo colonialismo europeu durante o século XX. Para sustentar esta afirmação, Belalimat (2008) aponta que:

As circulações transnacionais contemporâneas dos tuaregues diferem das mobilidades dos ciclos pastorais transumantes ou das redes comerciais que formaram a base das atividades econômicas regionais dos tuaregues antes do domínio colonial francês, que se baseavam na especialização e na mobilidade sazonal dos grupos sociais e numa gestão especializada e flexível dos recursos

¹⁹ Do original: “Increasingly forced to switch from nomadic to urban lifestyles over the last few decades, lots of Kel Tamasheq in the Sahara and Sahel are being squeezed into sedentarization. Furthermore, the vagaries of international politics are pushing them into making transnational border crossings without documents, nationalities or citizenships. Global economic interests, EU sanctions, as well as several local and supra local attempts to enforce political hegemony have turned nomadic life into a challenging business.” (KOHL e FISCHER, 2010, p.1).

naturais de seus territórios. O advento das fronteiras estatais foi crucial na emergência de questões políticas e econômicas pós-coloniais nômades²⁰. (BELALIMAT, 2008, p. 99, tradução nossa)

Na verdade, é muito difícil para um Tamasheq ou saariano em geral falar em termos da era colonial e pós-colonial, especialmente porque do ponto de vista das populações que vivem neste espaço, nunca houve nenhuma mudança, há em geral uma aceleração da destruição do modo de vida destas populações através de políticas de sedentarização, por um lado, e expropriação de terras, por outro. Um exemplo crucial desta situação, conforme Claudot-Hawad (2001), é o fato de que a Argélia recém independente, em acordo com a França, utilizou seu sul, ou seja, a parte norte do Saara, como território para experiências nucleares e químicas sem avisar as populações nômades e sem se preocupar com as repercussões radioativas que continuam poluindo esta área até o presente momento, com as terríveis conseqüências sobre o meio ambiente.

Em relação à questão de nomadismo e multiterritorialidade, Claudot-Hawad (2012) e Adnane (2019) explicam que o território nômade inclui grande número de marcadores históricos (como o alfabeto Amazigh, tfinagh, inscrições rupestres, monumentos, ruínas e documentos arqueológicas), geográficas, memoriais, sagrados (tumbas de mártires e santos, lugares de culto). Na mesma lógica, segundo os trabalhos de Eduard Bernus (1982 e 1988 apud CLAUDOT-HAWAD, 2012) sobre os nômades em geral e os Kel Tamasheq em particular, nos mapas elaborados pelos nômades, o território está organizado em torno dos pontos de água e dos caminhos que os ligam. Portanto, eles vêem a área como o produto de um empreendimento que, por si só, torna a natureza viável em seu estado inalterado (CLAUDOT-HAWAD, 1986 e 2008).

De fato, a terra só oferece proteção se for percorrida, domesticada e esculpida pelas rotas migratórias que regem a interação das pessoas com o deserto, em outras palavras, entre cultura e natureza (CLAUDOT-HAWAD, 2008). Esta metáfora alude ao uso econômico racional da terra, gerido e organizado para maximizar a exploração e reprodução dos recursos. Além disso, é consistente com a forma como as pessoas e grupos usam a área de forma social e simbólica. Cada unidade social, desde a menor (o acampamento) até a maior (toda a sociedade), está especificamente ligada a um território que pode mudar com as

²⁰ Do original: “Les circulations transnationales contemporaines des Touaregs se distinguent des mobilités des cycles transhumants pastoraux ou des réseaux commerciaux qui constituaient la base des activités économiques régionales des Touaregs avant la domination coloniale française, activités reposant sur la spécialisation et la mobilité saisonnière des groupes sociaux et une gestion spécialisée et flexible des ressources naturelles de leurs territoires. L’avènement des frontières étatiques fût crucial dans l’émergence des problématiques postcoloniales politiques et économiques des nomades.” (BELALIMAT, 2008, p. 99)

estações do ano e percorre várias rotas que compõem a intrincada teia da imensa rede territorial e política *tamasheq*.

Por esta razão, pode-se pensar num nomadismo marginalizado quando olhamos para a situação atual dos *Kel tamasheq* já que cinco Estados foram estabelecidos na década de 1960 como resultado do processo de descolonização e hoje eles fazem parte da Líbia, Argélia, Níger, Mali e Burkina Faso. Pois, essas formações políticas contemporâneas, construídas no modelo ocidental de Estado-nação, deram origem a um novo tipo de territorialidade. Portanto,

A primeira observação é que em menos de cinco décadas, o estilo de vida nômade declinou drasticamente entre os tuaregues. Ela quase desapareceu na Argélia e na Líbia, onde uma política sistemática de sedentarização foi implementada nos anos 70 e 80. Está em forte declínio nos Estados saelianos, onde os nômades eram, nos anos 60, os mais numerosos e mais ricos entre os tuaregues e mais amplamente entre as populações saarianas²¹ (CLAUDOT-HAWAD, 2012, p.8, tradução nossa)

Desse modo, pode-se perceber que em menos de cinquenta anos, o estilo de vida nômade do Saara mudou drasticamente, já que quase desapareceu na Argélia e na Líbia, onde uma campanha sistemática de sedentarização foi realizada nas décadas de 1970 e 1980. Está caindo drasticamente nos estados do Sahel, onde os nômades eram mais prevalentes e significativos na década de 1960. Para além disso, entre as populações *Kel Tamasheq* e mais amplamente entre os habitantes do Saara na década de 1960, os nômades eram o grupo mais populoso e próspero, segundo Claudot-Hawad (2008).

3- OS KEL TAMASHEQ (TUAREGUES) NO CONTEXTO DOS DIFERENTES ESTADOS NACIONAIS

Este capítulo propõe abordar, desde uma perspectiva sócio-histórica, as relações dos *Kel Tamasheq* com cada um dos estados em que se encontram, focando, particularmente, a evolução da mobilização da comunidade *Tamasheq*, em curso desde os anos 1950, para o acesso à nacionalidade na Líbia.

²¹ Do original: “Un premier constat se dégage : en moins de cinq décennies, le mode de vie nomade a drastiquement régressé chez les Touaregs. Il a quasiment disparu en Algérie et en Libye, où une politique systématique de sédentarisation a été menée dans les années 1970-1980. Il est en forte dégradation et diminution dans les États sahéliens, où les nomades étaient pourtant, dans les années 1960, les plus nombreux et les plus riches parmi les Touaregs et plus largement parmi les populations sahariennes” (CLAUDOT-HAWAD, 2012, p.8).

3.1- Kel Tamasheq líbios

A população Kel Tamacheque Líbia divide-se, atualmente, em dois segmentos diferenciados pelos processos históricos ligados aos movimentos migratórios no século XX. O primeiro segmento compõe a nação líbia atual como descendentes das antigas sociedades indígenas líbicas da região de Fezã (confederação dos Kel Ajjer). O segundo, foco deste estudo, é formado por pessoas e seus descendentes que viviam nas regiões do Mali e Níger atuais que migraram motivados pela política de Muammar Gaddafi nos anos 1960-1970.

Devido às suas conexões com as principais comunidades sob o regime de Gaddafi, os kel Tamasheq líbios²² conseguiram manter a posição cidadã com reconhecimento das instituições estatais no período Gaddafi (1969-2011). Não desafiaram o governo baseado em comitês do coronel Gaddafi depois que este assumiu o poder em 1969 (AG KHAMADINE, 2017). Contudo, Gaddafi usou a crise instalada após as independências em países vizinhos e, apoiado por líderes tradicionais tamasheq em muitos de seus programas saarianos, incentivou a migração dos Kel Tamasheq habitantes no Mali e Níger. As fortes conexões comunitárias tornaram-se um princípio mobilizado em sua prática de exercício do poder político.

A relação da Líbia com a questão tuaregue começou no início dos anos 70 com a chegada das primeiras ondas de refugiados tuaregues malineses e nigerianos em solo líbio, atraídos pelo Eldorado líbio após o *boom* petrolífero do país. Estes refugiados da seca eram principalmente jovens tuaregues que haviam perdido tudo em seus respectivos países devido ao ciclo de secas crônicas. Enquanto os tuaregues do Níger já conheciam os tuaregues líbio, com os quais tinham muitos laços sociais e comerciais, os tuaregues do Mali tinham muito pouco conhecimento do país e de seus habitantes²³. (AG KHAMADI, 2012, p.18, tradução nossa.)

Neste caso, seria importante lembrar a declaração do ex-líder líbio, Gaddafi, no dia 15 de outubro de 1980 num megaevento na cidade de Ubari (AG KHAMADINE, 2012; KOHL 2010), capital do Fezã, no sul do país, quando este convidou todos os Kel Tamasheq, mas particularmente de Mali e Níger, a retornarem à Líbia, afirmando que suas origens seriam de *Targa*, cidade Tamasheq milenar no sul da Líbia, e que, portanto, deveriam "retornar à sua terra original". Considerando que “o espaço líbio sempre foi frequentado por populações tuaregues, muito antes da imposição das fronteiras estatais na década de 1970 e do advento

²² Trata-se aqui dos Imuhagh/Kel Tamasheq que sempre permaneceram no solo líbio, diferentes dos chamados “retornados” que fugiram à repressão dos exércitos dos países do Sahel (Mali e Níger) logo após as independências.

²³ Do original: “Les relations de la Libye à la question touarègue ont commencé au début des années 1970 avec l'arrivée des premières vagues de réfugiés touaregs maliens et nigériens sur les terres libyennes attirés par l'eldorado libyen suite au boom pétrolier qu'a connu ce pays. Ces réfugiés de la sécheresse étaient composés, essentiellement, des jeunes touaregs qui avaient tout perdu dans leurs pays respectifs suite au cycle des sécheresses chroniques qui y sévissaient. Si les Touaregs nigériens connaissaient déjà ceux de la Libye avec qui ils étaient liés par de multiples liens sociaux et commerciaux, ceux du Mali avaient connaissance en revanche très mal ce pays et ses habitants.” (AG KHAMADINE, 2012, p.18)

do *gadafismo* em 1969”²⁴ (AG KHAMADINE, 2017, p.7), esta declaração também foi feita em um momento de grandes revoltas nestes países e de intensa seca, o que encorajou a migração para a Líbia. Destarte, é natural que os *tamasheq saelianos* se refugiem neste país na sequência das graves incidentes ecológicas e acontecimentos resultantes da política de segurança adotada pelos respectivos Estados, de forma a acelerar as mudanças socioeconômicas destas populações (CHAKER e FERKAL, 2012; AG ADNANE, 2014; AG KHAMADINE, 2017, KOHL e FISCHER, 2007). Dessa maneira, “[...] ir à Líbia, onde vivem outros clãs tuaregues, é para estes saelo-saarianos uma viagem no tempo aos espaços de referência que outrora foram percorridos pelos seus antepassados e cuja lembrança se conserva na sua memória coletiva.”²⁵ (AG KHAMADINE, 2017, p.7). Além disso, tanto no passado quanto no presente *Kel Tamasheq* não consideram sua saída de suas configurações originais como expatriação. Ou seja, apesar de cruzarem a fronteira para outro Estado, eles permanecem no seu território, o Saara, e se juntam a membros de seu grupo (PERRIN, 2014) com quem foram separados por causa da divisão das unidades políticas *Tamasheq* (ADNANE, 2019) entre esses quatro países, bem como o subsequente deslocamento nômade, os *Ishumar* normalmente têm alguns parentes em cada um desses países com os quais viajam e se juntam. Eles não têm planos para resolver e sua rota está mudando em conjunto com as oportunidades sociais e econômicas, e pode levá-los de volta ao Níger ou ao Mali, bem como à Líbia ou à Argélia. Eis como Kohl (2010) descreve o estilo de vida e mobilidade de jovens *Ishumar*:

Pode ir em todas as direções, é temporalmente variável e adaptada ao gosto individual. Se alguém assume um *Ashamúr* em Sebha (Líbia), ele emerge em Ghat (Líbia). Aqui ele permanece por várias semanas ou meses antes de se voltar para Djanet (Argélia), retorna um pouco mais tarde, muda-se para Agadez (Níger), e finalmente trabalha por alguns meses em Tripoli ou Benghazi (Líbia). Sua propriedade cabe em uma pequena bolsa (KOHL, 2007b:99 Apud KOHL, 2010, p.94)²⁶.

²⁴ Do original: “L’espace libyen a toujours été fréquenté par les populations touarègues et ce, bien avant l’imposition des frontières étatiques dans les années 70 et l’avènement du kadhafisme, en 1969.” (AG KHAMADINE, 2017, p.7)

²⁵ Do original: “[...] se rendre en Libye, où vivent d’autres clans touaregs, s’apparente pour ces sahélo-sahariens à une remontée dans le temps vers des espaces de référence qui furent jadis parcourus par leurs ancêtres et dont le souvenir est conservé dans leur mémoire collective” (AG KHAMADINE, 2017, p.7).

²⁶ Do original: “It can go in all directions, is temporally variable and adapted to individual taste. If one assumes *Ashamur* in Sabha (Libya), he emerges in Ghat (Libya). Here he remains for several weeks or months before he returns to Djanet (Algeria), returns somewhat later again, moves to Agadez (Niger) and works finally for a couple of months in Tripoli or Benghazi (Libya). His property fits in a small bag. Accommodation he gets with others *Ishumar* who live in families or house-similar structures. He is coming and leaving without lare announcement, one day here, the other there” (Kohl 2007b:99)

Conforme o apontado por Belalimat (2008), estes jovens exilados criaram uma imagem nova e rebelde para si mesmos por meio de festas periódicas organizadas pelos famosos músicos de *tendé*²⁷ que se estabeleceram na área. Este *tendé* urbano canta em poesia sobre aventuras, questões juvenis e a árdua marcha dos ishumar para a Líbia, mantendo-se fiel à sua vocação crítica.

Oh, minha mãe! Desde que parti para a Líbia com perseverança
Eu cheguei, mas não posso me acomodar de forma alguma
Estou procurando por todos os meios o dinheiro necessário
Mas recusa-se desesperadamente a se reunir [...]

(TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Ahimana, 2006).

Desse modo, é possível observar que, além de laços históricos e de parentesco, a Líbia representava uma oportunidade econômica no centro do deslocamento transnacional regular de jovens Tamasheq oriundos de países saelianos em busca de emancipação, trabalho sazonal ou melhores condições de vida do que as de suas regiões originais (KOHL, 2010). Por outro lado, para o então “guia da Jamahiriya líbia”, Gaddafi, em termos de cultura e identidade, os Kel Tamasheq são verdadeiros árabes e nunca houve qualquer questão de reconhecer ou promover sua própria língua e/ou cultura.

Em outro nível, seu uso repetido da expressão ‘nós, árabes tuaregues’ indica sua ideia de identidade tuaregues e dá uma amostra da solução que ele defende, que não é diferente daquela que ele reserva para ‘seus próprios tuaregues’, ou seja, a integração na cultura árabe-muçulmana e, na melhor das hipóteses, a povoação da Líbia, a fim de contrabalançar o peso político e demográfico de outros clãs em seu país. Em retrospectiva, o discurso de Ubari parece ser um passo decisivo na política de captura e incorporação dos tuaregues saelianos no tecido social líbio (AG KHAMADINE, 2017, p.9, tradução nossa)²⁸

Ao fundir regular e livremente dois universos culturais particulares desta forma, ele nos lembra o fato de que a expressão de uma identidade não árabe é restrita à perspectiva da *jamahiriya*. De acordo com Inès Kohl e Ana Fischer (2007), entre os anos 2005 e 2006, o coronel Gaddafi decidiu conceder a todos os Kel Tamasheq nigerinos e malineses e suas famílias presentes em território líbio uma carteira de identidade provisória com a promessa de naturalização, especialmente àqueles que servissem no exército nacional líbio. Assim, estes

²⁷ O *tendé* é um tambor feito de pilão e a música associada a ele, no mundo Tamasheq. <<[²⁸ Do original: “Sur un autre registre, son utilisation à plusieurs reprises de l'expression ‘nous les Arabes touaregs’ dénote l'idée qu'il se fait de l'identité touarègue et donne un avant-goût de la solution qu'il préconise et qui n'est pas différente de celle qu'il réserve à ‘ses propres Touaregs’, à savoir l'intégration dans la culture arabo-musulmane et au mieux, peupler la Libye pour se constituer une base sociale à son pouvoir, afin de contrebalancer le poids politique et démographique des autres clans de son pays. Avec le recul, le discours d'Oubari apparaît comme une étape décisive dans la politique de captation et d'incorporation définitive des Touaregs sahéliens dans le tissu social libyen” \(AG KHAMADINE, 2017, p.9\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Tende_(drum)#>> .</p>
</div>
<div data-bbox=)

jovens imigrantes desempregados integraram em grande número às forças de defesa e segurança na esperança de serem naturalizados e vários deles foram enviados para lutar no Líbano e Chade (AG KHAMADINE, 2017). Por outro lado, segundo Perrin (2016), alguns desses jovens viram essa ocasião principalmente como uma forma de obterem temporariamente não apenas vantagens materiais (salário, moradia e carros para alguns), mas também um treinamento militar moderno e eficácia.

Conforme o salientado pelo pesquisador Dida Badi Ag Khamadine (2017, 2012), o não reconhecimento da cidadania plena dos migrantes-retornados pelo ex-presidente líbio gerou uma divisão no interior da sociedade *tamasheq* entre líbios e retornados. Essa diferenciação de estatuto teve repercussão tanto na tomada de posição durante o conflito que levou à morte de Gaddafi quanto na construção posterior da nação.

De acordo com Wehrey (2017), durante a revolta de 2011, um número significativo de *Kel Tamasheq*, e em particular aqueles que haviam se unido às forças de segurança para ganhar cidadania, permaneceram leais a Gaddafi. Entre eles, em Trípoli, muitos *Tamasheq saelianos* foram enviados à linha de frente para combater os revolucionários nas frentes da *Misrata* e *Zintan*, duas cidades localizadas respectivamente a leste e sudoeste da capital. Por outro lado, líderes políticos importantes *Tamasheq* romperam com o regime de Gaddafi (WEHREY, 2017), como o embaixador da Líbia no Mali, *Mussa Alkoni*²⁹, que se refugiou na França e se juntou aos insurgentes. Na sequência, após agosto de 2011 e a entrada das forças revolucionárias na capital Trípoli, centenas de combatentes *tamasheq* abandonaram as forças leais e retornaram à região de *Fezã*, notadamente nas cidades de *Ubari*, *Ghadames* e *Ghat* ou fugiram para o Níger e Mali.

Neste contexto de pós-revolta, no final de janeiro de 2020, um grupo de jovens *Tamasheq* criou o movimento civil denominado *La Lil Tamyiz* (“não à discriminação!”, em árabe) com bases nas regiões de *Ghat*, *Oubari* e *Sebha* no sul do país. Este movimento é composto por um número significativo de jovens *tamasheq* de origem *saelo-saariana*, nascidos e criados na Líbia, mas que não gozam de todos os direitos concedidos aos cidadãos líbios. Por exemplo, sua capacidade de votar permanece limitada, assim como sua capacidade de acessar certas universidades públicas, além de não poderem ter um passaporte também.

²⁹ *Mussa Alkoni* se tornou, mais tarde, um dos representantes da Comunidade *Kel Tamasheq* no Conselho Nacional de Transição (CNT); depois integrou o Conselho Presidencial do Governo de Acordo Nacional que tomou posse no final de março de 2016, antes de renunciar no início de janeiro de 2017. Em fevereiro de 2021 foi eleito vice-presidente do Conselho Presidencial Transitório encarregado de preparar as eleições de dezembro de 2021, que não aconteceram.

Em entrevista realizada com Mehdi El Ansary (2023), um Tamasheq originário de Timbuktu (Mali), mas nascido e criado em Fezã no sul da Líbia e morador de Trípoli, observa-se que:

Os Kel Tamasheq possuem tudo que dá nacionalidade líbia hoje normalmente, uma vez que, nasceram e cresceram no solo líbio além de sempre terem derramado o sangue deles para defender os interesses do país. Portanto, tudo isso automaticamente dá direito de cidadania e documentação nacional, mas a realidade é outra (MEHDI EL ANSARY, 2023, via whatsapp).

Portanto, apesar de mais de meio século de residência e, para alguns, familiares servindo no exército líbio, essa geração herdou de seus pais um estatuto administrativo ainda incompleto. É neste sentido que o principal objetivo deste movimento continua sendo o acesso à nacionalidade enquanto pertencimento legal de uma pessoa à população de um Estado, mas essa nacionalidade pretende ser "completa" no sentido de que só ela permite o acesso a um conjunto de direitos e deveres que ainda não estão garantidos a certos membros da comunidade Kel Tamasheq, como ter um passaporte ou documentos para poder ingressar no serviço público. A criação do próprio movimento se deve tanto às condições sócio-políticas atuais no Sul da Líbia quanto à acumulação de dificuldades relacionadas ao acesso à nacionalidade desde a independência (POUPART, 2022).

Desse modo, o movimento surgiu como resultado de um incidente local que teve maior impacto na vida de muitos jovens Kel Tamasheq, isto é: o diretor da Ubari Health Institute recusou-se a permitir que alguns alunos fizessem seus exames anuais porque não tinham a caderneta de registro familiar, apesar de estarem cadastrados no estabelecimento por meio de seus números administrativos, disse o comunicado do movimento que apareceu na rede social Facebook (2020). Ademais, tal mobilização é também condicionada por bloqueios políticos e pelo uso da força.

Qualquer progresso permanece limitado pelas tensões entre Trípoli e Tobruk, que também fazem do Sul um território fragmentado por esta rivalidade. Finalmente, a comunidade tuaregue na Líbia está enfrentando uma crescente competição interna por representação. (POUPART, 2022, p. 12, tradução nossa)³⁰

Neste caso, a Líbia está dividida entre dois governos rivais, um em Trípoli reconhecido pela ONU e outro liderado pelo General Haftar, em Tobruk, na parte leste do país. Por isso, o movimento *La lil Tamyiz* é, portanto, forçado a navegar entre os atores da

³⁰Do original: “ toute avancée demeure contrainte par les tensions entre Tripoli et Tobrouk qui font également du Sud un territoire fragmenté par cette rivalité. Enfin, la communauté touarègue en Libye fait face à une compétition interne grandissante pour sa représentation.” (POUPART, 2022, p.12)

violência e outras comunidades para manter suas demandas audíveis (POUPART, 2022), uma vez que é da região sul, território que vitimado pelas tensões entre o leste e oeste do País.

As autoridades do Leste e do Oeste contam com uma abordagem comunitária em suas relações com o Sul, o que cria grande confusão entre os tuaregues sobre a capacidade e a disposição de ambos os lados para avançar na questão dos papéis (POUPART, 2022, p. 13, tradução nossa)³¹

Dado que os próprios grupos político-militares dos *kel tamasheq* estão organizados em partidos, a definição de lealdades políticas na região torna-se mais complexa. Em relação às divisões existentes desde a queda do Gaddafi e que causam obstáculos à normalidade e ordem democrática no país, pode-se destacar o ataque do general Khalifa Haftar à região de Fezzan em 2019 (CHALLENGES, 2019), procurando assumir o controle da área sul da Líbia, que causou conflitos nesta localidade, retomando as hostilidades entre os grupos Tamasheq e a minoria *Tebu*³² próxima do exército nacional líbio (LNA, na sigla em Inglês) comandado pelo general Haftar. O pesquisador Mohamed Eljarh (2016) defende ser crucial avaliar as condições políticas e institucionais da Líbia para compreender a capacidade do país a fim de responder aos atuais problemas de segurança e perigos no país e na região saariana como um todo. Sobre a questão política, o autor ressalta que

desde a queda do regime Gaddafi, a Líbia sofreu uma polarização política que paralisou as instituições do país e levou ao colapso completo da transição política pós-revolucionária. A luta contínua por poder e recursos entre diferentes facções rivais tem levado à politização das estruturas militares e de segurança. Por exemplo, a competição pelo controle do serviço de inteligência, defesa e ministérios do interior nos últimos anos tem sido um fracasso completo nos setores de segurança e defesa na Líbia. As posições-chave dentro destas instituições têm sido alocadas para representar diferentes grupos opostos, resultando em instituições paralisadas, incapazes de proporcionar uma sensação de segurança ou de estabelecer as bases para instituições sustentáveis. A consequência tem sido o fortalecimento de atores periféricos não estatais em detrimento das instituições centrais do Estado (ELJARH, 2016, p.9, tradução nossa).³³

Portanto, tomando em consideração estes argumentos, é evidente que a desintegração e a fragmentação das instituições estatais e a rivalidade política e armada tornaram

³¹Do original: “Les autorités de l’Est et de l’Ouest s’appuient sur une approche communautaire dans leurs relations avec le Sud, ce qui crée une grande confusion chez les Touaregs sur la capacité et la volonté des deux camps à avancer sur la question des papiers”(POUPART, 2022, p.13).

³² O povo Tebu, também conhecido como Toubou, pode ser encontrado no sul da Líbia, norte do Níger e Chade e oeste do Sudão.

³³ Do original: “Depuis le renversement du régime de Kadhafi, la Libye a souffert de polarisation politique qui a paralysé les institutions du pays et conduit à l’effondrement complet de la transition politique post révolutionnaire. La lutte permanente pour le pouvoir et les ressources entre les différentes factions rivales a conduit à la politisation des structures militaires et sécuritaires. Par exemple, la concurrence pour le contrôle du service de renseignement, de la défense et des ministères de l’intérieur tout au long de ces dernières années, a été un échec complet dans les secteurs de la sécurité et de la défense en Libye. Les postes clés au sein de ces institutions ont été alloués pour représenter différents groupes opposés, qui ont abouti à des institutions paralysées incapables de livrer un sentiment de sécurité ou d’établir les bases d’institutions durables. La conséquence a été le renforcement des acteurs non étatiques périphériques au détriment des institutions de l’Etat central” (ELJARH, 2016, p.9).

impossível uma resposta eficaz aos desafios que a sociedade líbia em geral está enfrentando, pelo menos a curto e médio prazo (ELJARH, 2016).

Desse modo, apesar do movimento *la lil tamyiz* ter conseguido um certo reconhecimento, nomeadamente graças ao seu compromisso civil e pacífico, a sua influência continua tendo vários obstáculos e limitada por vários fatores. Tanto os organizadores como os participantes “nem sempre têm meios para continuar porque são pobres, é a população.” (POUPART, 2022, p.17, tradução nossa). Além disso, há dificuldade gerada pela instabilidade nacional que complica ainda mais a situação de todas as minorias no país.

3.2- Kel Tamasheq retornados do Mali

Logo após as independências as populações do Saara - principalmente os Kel Tamasheq e os árabes - iniciaram uma revolta contra os novos Estados modernos (Mali e Níger). No Mali, em 1963, três anos após sua independência, houve uma revolta dos Kel Tamasheq contra as imposições do novo governo de Modibo Keita (primeiro presidente do Mali independente). É o início de uma história desafiadora e complicada dos primeiros anos da independência do Mali, uma época em que uma série de conflitos entre a sociedade Kel Tamasheq, os nômades Saarianos em geral e o Estado do Mali sob Modibo Keita surgiram nas frentes política, cultural e econômica.

As implacáveis perseguições do governo e a resistência dos Kel Tamasheq tiveram como uma de suas consequências o surgimento do movimento cultural Ishúmar (“desempregados”), que, através da música, discorda dos regimes violentos, expressa os desafios enfrentados por seu povo e divulga a importância da sua cultura (ADNANE, 2014 e PICCHI, 2008), como podemos observar abaixo na letra da canção da banda Tinariwen:

Soixante-trois tidja houn tilkam	63 se foi, mas vai voltar
Tidjichilanet lanen timtar	Seus dias deixaram marcas
Tangha imgharan dalyad iwan	Eles assassinaram velhos e uma criança recém-nascida
Tarassid iridjuan anaq iwan	Passaram pelos campos, destruíram os pastos e eliminaram o gado
Tadjih amérique tadjih lubnan	A América e o Líbano são testemunhos
Tanad aruss efew erghan	A Rússia fornecia o fogo inflamado
Soixante-trois tidja houn tilkam	63 se foi, mas vai volta
Tidjichilanet lanen timtar	Seus dias deixaram marcas

Titwisteghnat chatma Houlan
 warhin janchegh wala atilan
 Soixante-trois tidja houn tilkam

Minhas irmãs foram perseguidas sem piedade
 Eu não posso trocá-las por preço nenhum
 63 se foi, mas vai voltar

(TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Soixante Trois, 2006).

Soixante Trois (sessenta e três), uma das primeiras canções escritas pelo líder e cofundador do Tinariwen, Ibrahim Ag Alhabib, refere-se aos massacres de 1963, quando, ainda criança, viu o pai dele ser detido e levado para a principal praça pública da cidade de Kidal, onde foi executado porque foi considerado como um colaborador dos rebeldes que lutam contra a administração pós-colonial de Modibo Keita³⁴. De acordo com Ag Adnane (2015, p.4) “Modibo acreditava que o modo de vida nômade era um alvo a ser sacrificado em nome da ideia de desenvolvimento e modernidade”. Portanto, várias famílias foram obrigadas a buscar refúgio em outras áreas e países limítrofes devido às atrocidades das autoridades centrais e “essa canção é parte de um movimento popular que surgiu nos anos seguintes à independência do Mali, pontuados pela migração, o empobrecimento e falta de esperança no novo país” (ADNANE, 2013, p.28), pois, a revolta dos anos 1963-64 resultou em inúmeras mortes humanas, a destruição de propriedades - especialmente animais - que eram cruciais para a economia local e o despejo de várias famílias, conforme a letra de música (TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Soixante-trois, 2006).

Neste contexto, Adnane (2013, p.23) reforça que, “em 1963, após a independência do Mali, os Kel Tamacheque revoltaram-se contra as autoridades do novo país. Foram duramente reprimidos, com fortes confrontos e grandes perdas humanas.” Desse modo, uma primeira onda de migrações pós-coloniais ocorreu em direção ao norte, principalmente para as províncias argelinas de Tamanrasset, Ouargla e Ghardaïa, e de lá para Ghat e Ubari no sul da Líbia (ADNANE, 2013).

Essa primeira rebelião contra o governo da nova República do Mali foi severamente reprimida pelo Presidente Modibo Keita e pelo Primeiro-Ministro Ben Bella. Cerca de mil pessoas foram mortas, algo que foi lidado com indiferença pelo resto do mundo, inclusive por seus ex-colonizadores franceses (PICHI, 2008, p.25).

Nessa circunstância, conforme assinalam vários autores como Ag Khamadine (2012), é correto lembrar que as revoltas de 1963 foram sangrentamente reprimidas pelos exércitos nacionais de Mali, mas também pela Argélia do outro lado da fronteira e as populações Tamasheq foram mergulhadas no que é chamado de "sobrevivência nas margens"

³⁴ Primeiro presidente do Mali e ficou no comando do país de 1960 a 1968.

(CLAUDOT-HAWAD, 2008) e este foi o período em que o termo "*Ishúmar*" surge para se referir a uma nova geração que vive nas dobras do Estado desde que as atividades tradicionais nômades não podem mais existir dentro da organização dos Estados nacionais criados. Desde então, houve vários conflitos armados entre as forças militares do governo e grupos separatistas Tuaregues.

Os Kel Tamasheq viveram várias lutas e resistências contra imperialistas e ocupantes antes dos Estados-nação atuais, portanto a resistência das populações Tamasheq contra as tropas coloniais francesas é evocada através de vários episódios de confronto. Nesse contexto, o episódio mais mencionado pelos Kel Tamasheq no Mali é o da rebelião do guerreiro e líder comunitário Fihroun Ag Alinsar entre 1916 e 1917 contra as tropas francesas (CLAUDOT-HAWAD, 1990; ADNANE, 2013; BENCHERIF, 2018). Além da revolta dos anos 1963-64, vários jovens que fugiram da repressão militar do primeiro regime de Modibo Keita se organizaram política e militarmente nos campos de refugiados na Argélia e Líbia (CLAUDOT-HAWAD, 1996; AG KHAMADINE, 2010) e voltaram em 1990 para vingar seus familiares mortos cruelmente além de reivindicar outras pautas como políticas públicas, infraestruturas e descentralização do poder. Tais reivindicações foram todas consideradas no pacto concluído entre os rebeldes do Movimento Popular de Azawad (MPA) e o governo do Mali em Tamanrasset (Argélia) em 1991 sob a mediação argelina, porém igual ao primeiro acordo de 1964, este também nunca foi implementado.

Em 2012, a região do norte do Mali, conhecida como Azawad, foi declarada independente pelo Movimento Nacional de Libertação de Azawad no dia 06 de abril daquele ano, porém nenhum país reconheceu tal declaração. No que diz respeito à revolta na Líbia e as consequências da queda do ex-dirigente do país na região, é fundamental sublinhar que a maioria dos combatentes do Movimento Nacional pela Libertação de Azawad (MNL), liderados pelo coronel Mohamed Ag Najim, que expulsaram o exército do Mali nas regiões do norte do país entre janeiro de 2012 e março do mesmo ano, eram filhos órfãos das famílias que o exército malinês massacrou entre os anos 1960 a 1990 e faziam parte das forças de segurança nacional da Líbia (ADNANE, 2019; PERRIN, 2014) e depois da queda do regime de Gaddafi voltaram com suas armas e tanques de serviço para “libertar sua terra do colonialismo malinês” conforme o discurso dos seus líderes políticos.

Conforme o observado por Bencherif (2018, p.21, tradução nossa), “a rebelião tuaregue de 2012 herdou, mas também se apropriou de fatos e narrativas do passado. As elites tuaregues mobilizaram estas narrativas para moldar memórias de acordo com seu

passado conhecido, suas posições, circunstâncias, interesses e interlocutores.”³⁵ Desde então, o governo do Mali e os grupos separatistas (sob ameaças da comunidade internacional) do norte do país, com a mediação do Burkina Faso, iniciaram o diálogo para estabelecer caminhos a um acordo. Depois, com a mediação internacional liderada pela Argélia durante mais de 2 anos de negociações, conseguiram um acordo para paz, o chamado “Acordo de Argel” em 2015, que previa a descentralização e a autonomia para a região do norte do Mali, mas muitas das disposições não foram implementadas até agora. Em resumo, a relação política do Mali com a realidade sociocultural e multiterritorial dos Kel Tamasheq (CLAUDOT-HAWAD, 2008) tem sido tensa e conflituosa, com desafios persistentes para a integração política e a estabilidade nacional e mesmo regional desde o momento das independências.

Segundo Bencherif (2018), as múltiplas dimensões do tal acordo cobrem preocupações políticas e institucionais, segurança e defesa, crescimento socioeconômico e cultural, bem como questões de reconciliação nacional, justiça para as vítimas e questões humanitárias. Por isso que o governo do Mali e os mediadores internacionais o rubricaram em 15 de maio de 2015, mas a CMA (Coordenação de Movimentos de Azawad) não assinou até 20 de junho de 2015, destacando a resistência e a insatisfação dos movimentos político-militares em relação ao conteúdo do documento.

Por fim, o processo de volta à paz ainda está em andamento de forma muito tímida no país e ainda sem implementar o Acordo de Argel. Ou seja, mais uma vez o governo malinês está sabotando um processo de paz e dessa vez tal instabilidade afeta todos os países da região. Porque, além dos conflitos político-sociais existentes desde a independência do Mali, existem outros atores que são os terroristas da Al Qaeda, que desde 2007 vivem de uma economia ilícita na fronteira entre Argélia, Mali e Níger, praticando o sequestro de turistas e/ou trabalhadores ocidentais para trocá-los depois por vários milhões de dólares. O conflito na Líbia fez com que todo o espaço saelo-saariano ficasse inseguro. Com as mudanças que estão ocorrendo tanto nacional quanto internacionalmente, vários especialistas de segurança internacional defendem que enquanto a situação na Líbia não estiver estável nenhum desses países o será, já que é na Líbia que esses grupos extremistas se aprovisionam em armas. “Os ataques violentos de grupos armados afetam agora a maior parte do país”, conforme o relatório da missão da União Europeia (EU, 2023, *online*) no Mali. Consequentemente, a

³⁵ Do original: “La rébellion touarègue de 2012 a hérité, mais s’est aussi appropriée les faits et les récits passés. Les élites touarègues mobiliseront ces récits pour façonner des mémoires en fonction de leurs passés connus, de leurs positionnements, des circonstances, de leurs intérêts et de leurs interlocuteurs” (BENCHERIF, 2018, p.21)

situação humanitária é muito preocupante, pois, além dos massacres feitos por terroristas da Al Qaeda e Daesh, o fluxo da movimentação das pessoas que se mudam do interior para as grandes cidades fugindo desses ataques aumenta a cada dia (UNOCHA, 2022, *online*).

3.3- Kel Tamasheq retornados do Níger

Na altura da independência do país, o mundo Tamasheq era pouco conhecido dos dirigentes políticos nigerinos (principalmente vindos do sul do país). As autoridades de Níger independentes faziam pouca distinção entre os tuaregues e os de outros países vizinhos como Mali, Argélia e Líbia.

Ademais, do mesmo modo que aconteceu no Mali, o Níger também sofreu revoltas em 1990 e 2007, isto significa que, a relação entre os Kel Tamasheq e o Estado do Níger tem sido tensa ao longo dos anos, com vários conflitos e rebeliões. Uma das principais causas de tensão tem sido a marginalização política e econômica das populações do norte do país, majoritariamente composto por Kel Tamasheq e "Árabes" (Mouros). Eles se sentiram excluídos do poder político, nas tomadas de decisões e do controle dos recursos naturais na sua própria região (CLAUDOT-HAWAD, 2008). Isso levou a uma série de lutas armadas e rebeliões desde os 1960, quando o Níger conquistou a independência da França.

Porém, “a fase de negociações com o poder central foi distinta em Bamako e em Niamey, assim como os desdobramentos futuros, tanto do processo de paz, como das novas lutas, que voltariam em 2007, no Níger, e no Mali” (ADNANE, 2014, p.101). Para muitos especialistas, Mali e Níger tomaram medidas diferentes no final dessas rebeliões. Pois, como Guichaoua (2013, *online*) observou, as autoridades do Mali tiveram pior desempenho do que o Níger quando se trata de adotar explicitamente uma estratégia de segurança, ignorando as medidas de desenvolvimento do Pacto Nacional de 1992. Outro elemento importante para entender a oposição de Tamasheq nigerinos ao Estado central é a questão do urânio (GUICHAOUA e HARDY, 2007), que foi descoberto já nos primeiros anos da independência e extraído pela mineradora francesa AREVA. Desse modo, uma das reivindicações desse grupo político-militar é rever a gestão do urânio e suas consequências ambientais conversando com os moradores do espaço, isto é, a descentralização do poder.

A descentralização apareceu pela primeira vez no acordo de paz de 1995 e criou esperança para a gestão coletiva e a autonomia. No entanto, a lentidão na preparação eleitoral, a demora na prestação de apoio técnico e financeiro como bem como a fraqueza das subvenções financeiras dificultou a governança descentralizada. Isto aumentou o sentimento de abandono entre

os representantes locais, e adiou a própria paz (GUICHAOUA e HARDY, 2007, p.2, tradução nossa)³⁶

Meses depois, no mesmo ano, o governo do Níger assinou um acordo de paz com o Movimento Nigerino pela Justiça (MNJ), o movimento político militar que lutava pela descentralização do poder e reconhecimento político e econômico. O acordo incluiu a criação de um Conselho Superior de Negociação e Desenvolvimento, destinado a promover o diálogo entre o governo e os rebeldes (DJIBO, 2002), bem como a implementação de políticas para promover a inclusão das populações dessa região na vida social e política do Estado. No entanto, a relação entre os Kel Tamasheq e o estado do Níger continua a ser tensa. Os Tamasheq praticamente ainda enfrentam desafios significativos em termos de acesso a recursos, alfabetização e oportunidades de emprego. No Mali, a política de paz foi substituída por um programa de segurança, mas a população da região norte do país é tão hostil ao exército que o programa só despertou raiva (GUICHAOUA, 2013). É principalmente um problema nacional de subdesenvolvimento e pobreza e é causado por um domínio territorial musculoso e pouco próximo da população, pelo subdesenvolvimento regional e por um modelo de desenvolvimento pouco adequado às realidades locais (DJIBO, 2002).

O Níger foi um dos poucos países africanos que se opôs abertamente à intervenção da OTAN na Líbia e depois da derrubada de Gaddafi fez muitos apelos à comunidade internacional para resolver o conflito. Esta preocupação se explica pelo medo do governo nigerino nas questões de estabilidade na parte norte do seu país, já que o país enfrenta os extremistas nigerianos de Boko Haram do lado sul.

Por fim, o ponto fundamental a destacar para entender a diferença entre a gestão das revoltas nos dois países saelianos é que o cumprimento dos acordos de paz no Níger, ao contrário do Mali, permitiu a incorporação de alguns dos antigos militantes em partidos políticos e muitos desses homens são hoje prefeitos em 99% nas cidades do norte até a fronteira com a Líbia e Argélia. Por isso, pode-se perceber que na administração nigerina existe uma representação Tamasheq significativa ao contrário da realidade malinesa apesar dos desafios que ainda existem.

³⁶ Do original: “Decentralization first appeared in the 1995 peace agreement and created hope for collective management and autonomy. However the slowness in electoral preparation, the delay in providing technical and financial support as well as the weakness of the financial grants made decentralized governance difficult. This increased the feeling of abandonment amidst local representatives, and postponed the peace itself” (GUICHAOUA e ARDY, 2007, p.2)

3.4- Kel Tamasheq retornados da Argélia

Quando o país conquistou sua independência em 1962, a elite política argelina (principalmente do norte do país) tinha pouco conhecimento a respeito dos Kel Tamasheq presentes na parte saariana que fica no sul do país (AG KHAMADINE, 2012). Os responsáveis argelinos da época mal sabiam a diferença entre os Tamasheq que ficam no território da Argélia e os de outros Estados vizinhos, como Mali, Níger e Líbia.

A esse respeito, deve-se notar que as primeiras autoridades argelinas parecem compartilhar a mesma visão de seus vizinhos recém-independentes e socialistas Saelo-saarianos (Líbia, Mali e Níger). E “isso [...] se manifestou no alinhamento do regime socialista e pan-arabista de Ben Bella com a política de erradicar a primeira rebelião tuaregue pelo Estado do Mali em 1963-64, matando todos os nômades que encontrou sem distinção” (AG KHAMADINE, 2012, p.7, tradução nossa)³⁷. Ou seja, o então presidente da Argélia, Ahmed Ben Bella, deu sinal verde às forças armadas do Mali para perseguir os rebeldes dentro do território argelino e “durante suas operações em território argelino, o exército malinês cometeu um massacre no verão de 1964 no poço de In Ouzzal, 200 km dentro das fronteiras argelinas” (AG KHAMADINE, 2012, nota.14, tradução nossa)³⁸. Em consequência disso, teve muitas vidas humanas perdidas e “muitas das vítimas eram tuaregues argelinos” (AG KHAMADINE, 2010, p.2, tradução nossa)³⁹.

No entanto, conforme o apontado por Ag Khamadine (2012), após a queda de Ben Bella no rescaldo do golpe de Estado de Houari Boumediène em 1965, a política argelina em relação aos Kel Tamasheq mudou dramaticamente, tanto em relação aos que vinham do Mali como aos nacionais, cujas condições económicas melhoradas pretendiam acelerar a sua integração no conjunto nacional. Dessa forma, a política do Estado argelino em relação aos seus cidadãos Tamasheq, em sua maioria nômades, pode ser assim resumida em alguns pontos como: implementação de uma política de sedentarização dos nômades; escolarização de seus filhos em árabe e a não-interferência nas suas organizações políticas e culturais.

³⁷ Do original: “Ceci [...] s'est manifesté à travers l'alignement du régime socialiste et panarabiste de Ben Bella sur la politique d'éradication de la première rébellion des Touaregs par l'État malien, en 1963-64, tuant, sans distinction, tous les nomades rencontrés.”(AG KHAMADINE, 2012, p.7)

³⁸ Do original: “Pendant ses opérations en territoire algérien, l'armée malienne commit durant l'été de 1964 un massacre sur le puits d'In Ouzzal à 200 km à l'intérieur des frontières algériennes.” (AG KHAMADINE, nota.14)

³⁹ Do original “Des nombreuses victimes étaient des Touaregs algériens” (AG KHAMADINE, 2012, p.5).

Mas o ponto mais importante para o governo da época foi a questão da sedentarização, a este respeito, as principais diretrizes da FLN⁴⁰ (Front de Libération Nationale/Frente de Libertação Nacional) na região sul do país foram estabelecidas pelo primeiro administrador de Tamanrasset, que escreveu "...conseguir pegar as crianças nômades e enviá-las à escola é, inevitavelmente, conseguir controlar o nomadismo" (AKTOUF, 1971: 105 *apud* AG KHAMADINE, 2010, p.4, tradução nossa)⁴¹.

Os Kel Tamasheq argelinos são divididos social e politicamente em três confederações que incluem Kel Ahaggar (Argélia), uma parte do Kel Adrar (Argélia/Mali), e uma parte do Kel Ajjer (Argélia/Líbia) (CLAUDOT-HAWAD, 1990; AG KAMADINE, 2012; Kohl, 2010). O grupo sociopolítico Kel Ajjer é, de fato, estabelecido entre a Argélia e a Líbia. Embora sempre tenham permanecido móveis entre os dois países, eles foram na maioria registrados como líbios quando o país conquistou a independência já que uma parte considerável do seu território tradicional fica no sudoeste da Líbia. Desse modo, a entrevistada Inès Tazidert diz que:

[...] é importante saber que os Kel Ajjer têm sua sede na Líbia em Ubari e, portanto, durante a colonização francesa não tiveram um chefe [na Argélia] legítimo de fato, portanto já começa com o fato de que antes do estado argelino, a colonização francesa perturbou as estruturas sociais dos Kel Ahagar e dos Kel Ajjer da mesma forma (TAZIDERT, 2023, via whatsapp)

Conforme o apontado por Ag Khamadine (2012), a relação da sociedade tamasheq ocorreu em três acontecimentos diferentes. Dessa forma, um dos pontos fundamentais da relação entre o Estado argelino e os Kel Tamasheq deu-se com a insurreição da Frente Islâmica de Salvação (FIS) em 1990 e a chegada ao poder de Mohamed Boudiaf, uma das figuras mais emblemáticas da classe política argelina. Neste contexto,

Boudiaf recebeu oficialmente os dois líderes dos principais grupos tuaregues argelinos (Kel Ajjer e Kel Ahaggar) para solicitar o apoio deles ao seu novo movimento (o Rassemblement Populaire National, RPN) que ele acabava de criar a fim de estabelecer seu regime e lutar contra a oposição islamista. Por ocasião desta reunião, altamente divulgada na mídia, o título de ‘amanukal’⁴² apareceu pela primeira vez na imprensa nacional para designar estes dois líderes tuaregues (AG KHAMADINE, 2012, p. 12, tradução nossa).⁴³

⁴⁰ Front de Libération Nationale, era o único partido no poder desde a independência até o advento de um sistema multipartidário em 1989.

⁴¹ Do original: "(...) arriver à mettre la main sur les enfants nomades et à les scolariser, c'est arriver inévitablement à mettre la main sur le nomadisme" (R. Aktouf, 1971: 105 *apud* AG KHAMADINE, 2010, p.4).

⁴² *Amanukal* significa Chefe ou Líder na língua Tamasheq

⁴³ Do original: "Boudiaf reçut officiellement les deux leaders de deux principaux groupes touaregs algériens (Kel Ajjer et Kel Ahaggar) pour solliciter leur soutien à son nouveau mouvement (le Rassemblement populaire nationale, RPN) qu'il venait de créer afin d'asseoir son régime et lutter contre l'opposition islamiste. À l'occasion de cette rencontre, qui fut fortement médiatisée, on voit apparaître pour la première fois dans la presse nationale le titre d'amanukal pour désigner ces deux chefs touaregs." (AG KHAMADINE, 2012, p.12)

A partir de 2006, o Estado não só permite que a eleição dos líderes tradicionais ocorresse de acordo com os procedimentos tradicionais, ou seja, de forma matrilinear, mas também fez com que o evento fosse objeto de ampla cobertura da mídia na rádio local, na imprensa nacional e na agência oficial de informações (APS) (AG KHAMADINE, 2012; 2010), pode ser considerado um segundo ponto forte.

Por fim, o ponto de virada na relação dos Kel Tamasheq com o Estado ocorreu quando o recém-eleito líder tamasheq na Argélia desconsiderou, em 2006, o apelo de Gaddafi para que as comunidades do Saara se unissem numa única entidade. Esta negação, que ecoa a posição oficial da Argélia, foi vista pelas autoridades argelinas como uma prova de que seus Kel Tamasheq apoiam o seu país, conforme observou Ag Khamadine (2012). Portanto, tomando em consideração todos esses elementos mencionados, podemos concluir que o Estado argelino, além de ter feito menos erros político-securitários na sua parte saariana, fez uma escolha que terá consequências duradouras uma vez que tem preocupação de segurança que enfatiza a sua própria estabilidade e dos demais países vizinhos. Ou seja, a Argélia tem sido capaz de evitar que seus Tamasheq vivessem as mesmas condições político-econômicas desafiadoras provocadas pelas catástrofes ecológicas que seus irmãos em outros países vizinhos estão enfrentando atualmente.

4- AS PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE KEL TAMASHEQ DURANTE E APÓS O REGIME DE GADDAFI.

Este capítulo se concentrará nas estratégias e perspectivas da nova geração tamasheq, *os Ishúmar*, que desenvolveu uma cultura juvenil particular no Saara central.

4.1- O papel histórico-político dos Ishumar e na contemporaneidade

Os *Ishúmar* (jovens desempregados Tamasheq) nigerinos e malineses, que criaram novas áreas dentro do Deserto, são um exemplo do nosso interesse aqui. A mobilidade internacional dos *Ishúmar* é um desenvolvimento relativamente recente. As travessias situacionais de fronteira dos (ex-)nômades que percorrem a região Saelo-saariana sem passaporte, cidadania ou carteira de identidade são o que constituem os movimentos cíclicos

históricos dos nômades com seus rebanhos (KOHL e FISCHER, 2010; CLAUDOT-HAWAD, 2008).

De acordo com Kohl (2010), apesar das suas características geográficas e climáticas desfavoráveis, o Sara nunca foi uma barreira isolada em termos de migração; pelo contrário, sempre foi uma área de trânsito e um lugar para o movimento de pessoas, coisas e ideias. A unidade intrínseca dessa região e sua estrutura transnacional foram mantidas, apesar da criação de Estados-nação. Então, a porção saariana de cada um desses países não deve ser vista como uma linha entre vários Estados-nação, mas sim como parte de uma estrutura transnacional mais ampla na qual os indivíduos envolvidos têm suas próprias noções de identidade e fronteiras e interagem de acordo com elas. Portanto,

a sociedade Tamacheque experimentou e experimenta ainda no período pós-independências imensos obstáculos à sua emancipação de subordinação iniciada pela ocupação francesa. As independências deixaram-nos diante de três caminhos: a submissão; a luta armada e/ou o exílio (AG ADNANE, 2013, p.4).

Consequentemente, após experimentarem a opressão do Estado pós-colonial e se sentirem como uma minoria injustiçada, essas populações instigaram o movimento de resistência cultural e luta de identidade como um “antídoto” do Estado-nação, o *Teshumara* (CLAUDOT-HAWAD, 1991). É dessa forma que o movimento *Teshumara*, o estilo de vida dos *Ishúmar* (jovens tamasheq desempregados), nasceu nos anos 1970-80. Naquela época, o Eldorado líbio havia acabado de ser descoberto, não só pela juventude ociosa Kel-Tamasheq do Mali e do Níger, mas por muitos cidadãos de países africanos e do mundo muçulmano. Centenas de jovens começaram a deixar os acampamentos para ir aos vários ranchos e fazendas para trabalhar primeiro como pastores e depois para aprender outros ofícios como agricultura, alvenaria, padaria, mecânica e restauração.

Teshumara refere-se a um estado de espírito, um modo de vida, uma tendência ideológica, uma visão política, que se desenvolveu à margem da sociedade tuaregue[...] *Teshumara* tira uma nova força do nomadismo e da antiga resistência que percorre os caminhos da honra, mas também representa uma resistência que se diferencia da sociedade e do peso prejudicial de seus valores e leis (CLAUDOT-HAWAD, 1991, p.123).

A música dos *Ishúmar* é um conjunto de melodias de destaque que começam com solos de guitarra longos e prolongados que se misturam com a música tradicional Amazigh, adicionando um par de vozes femininas melancólicas e agudas e cantos masculinos intrigantes (PICCHI, 2008). Por mais que servissem de justificativa para a rebelião, as canções de protesto desencadearam processos de adesão e mobilização.

A força evocativa do canto ishumar deste período assentou em vários mecanismos como a exaltação da terra natal, a permanente reafirmação dos laços sociais e afetivos familiares, a construção de solidariedades políticas transnacionais, a injunção da ação, numa morada fraternizada no modo fático (BELALIMAT, 2008, p 103, tradução nossa)⁴⁴.

Desse modo, o pensamento desta nova geração destacou a necessidade de reforma social, trazendo suas regras, suas rotas, seus códigos, sua forma de vestimenta e seus objetivos (ADNANE, 2014; 2013). Em outras palavras, não foi apenas uma pressa para trabalhar, mas também uma escola de aprendizagem que mudou a vida dos jovens saarianos deixados à sua sorte e sem perspectivas para o futuro. É nessa situação de exílio e migração forçada que o grupo musical Tinariwen, conhecido mundialmente, foi formado na década de 80 dentro de um campo de treinamento militar na Líbia, pensado e comandado pelo Coronel Muammar Gaddafi. Este grupo, portanto, foi responsável pela rebelião tamasheq de 1990 contra as forças do exército malinês, durante o regime do ditador Moussa Traoré (PICCHI, 2010; ADNANE, 2014, 2019).

No final da década de 1980, Abaraybone e Intiyeden foram para os campos de treinamento militar de Muammar al-Kadafi, na Líbia. Lá, encontraram Kedhou Ag Ossad, Mohamed Ag Itlal (Japonês) e Alhassan Ag Touhami, conhecido como Ahar ou Abenneban e, posteriormente, Abdallah Ag Alhousseini, integrou o grupo. Dizem, no documentário ‘Teshumara, les guitares de la résistance touarègue’, que decidiram dedicar-se à música unicamente quando compreenderam, em 1981. Muammar al-Kadafi não apoiou realmente a causa tamacheque como prometido, mas utilizou os jovens tamacheque, que estavam nos seus campos de treinamento, para combater contra Israel, na Palestina ou no Líbano (ADNANE, 2019, p.102).

De acordo com Dida Badi Ag Kamadine (2012), foi durante estes encontros que teriam sido definidas as estratégias políticas e de ações militares que marcaram a história contemporânea dos países saelo-saarianos como Níger e Mali.

⁴⁴ Do original: “La puissance d’évocation de la chanson ishumar de cette époque relevait de plusieurs mécanismes (Belalimat, 2003) tels que l’exaltation du pays natal, la réaffirmation permanente des liens affectifs sociaux et familiaux, la construction de solidarités politiques transnationales, l’injonction de l’action, dans une adresse fraternisée sur le mode phatique” (BELALIMAT, 2008, p.103).



Figura 3. Membros da banda Tinariwen de passagem em São Paulo em setembro de 2016.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Tinariwen tornou-se uma lenda renomada da música Tamasheq em particular e saariana em geral após a revolta de 1992, que levou à assinatura de um pacto nacional que daria autonomia ao norte do Mali (localmente conhecido como Azawad) onde os Kel Tamasheq são majoritários se fosse implementado. Sendo assim, o plano do grupo de se transformar em um movimento musical para continuar luta de forma pacífica, foi estabelecida uma forma de produção cultural baseada na produção coletiva, na qual todos os membros da *tumast* (nação imaginária) participaram da composição das canções e arranjos musicais de Tinariwen como um movimento cultural e não do que apenas uma única banda (PICCHI, 2012). Num documentário produzido em 2009 sobre a música nas lutas e resistências pelo mundo, Issa Dicko, o então porta-voz o grupo musical considerou que:

Tinariwen é um movimento, acima de tudo, que nasceu de toda a dor e humilhação que o povo tuaregue tem sofrido. No passado, lutavam com Kalashnikovs, em busca do reconhecimento de sua identidade cultural. Hoje usam guitarras e tentam promover a causa de seu povo e a paz [...] Da Kalashnikov à guitarra, hoje não existem mais armas, apenas positividade. Esse é o papel da luta do Tinariwen para todo o mundo. (MUSIC OF RESISTANCE, 2009, Youtube).

Nesse contexto, observa-se que muitos jovens não escolarizados e desempregados se inspiraram na banda Tinariwen para aprender a tocar música e portanto, contribuindo também de uma certa forma na conscientização sobre os temas que interessam à sociedade através da música. Além de exigir consciência política sobre questões como o exílio, a repressão no

Mali ou a extradição de pessoas para a Argélia há décadas, as letras das músicas também pedem melhorias sociais para a área, a promoção da cultura Tamasheq em todos os países onde vivem estas populações e no Azawad particularmente e, sobretudo, apelos para todos para se unem para levar adiante a "causa" que já foi iniciada por aqueles que já morreram nas revoltas.

Tinariwen é o grupo musical precursor entre os jovens Ichúmar, foi criado em 1980 nos campos de treinamento de Muammar al-Gaddafi, na Líbia. A música contemporânea tamacheque é confluência multicultural de ritmos e se tornou conhecida como guitarra, por extensão do nome do instrumento que é seu símbolo maior. A defesa do modo de vida é tema recorrente da produção poética [...] (ADNANE, 2013, p.26)

Na maioria do tempo, a música dos Ishumar fala sobre desafios da vida nômade, falta de políticas públicas, imigração, problemas sociopolíticas da sociedade Tamasheq e suas relações com o Estado e as letras das canções exigem também que os direitos dos saarianos em geral e Kel Tamasheq em particular, sejam reivindicados e que a juventude renegocie sua posição no mundo cada vez mais industrializado e globalizado.

Jovens do Saara, nós os advertimos
 Não pense que somos incapazes de reverter o curso das coisas
 Este novo mundo, nós estamos esmagados nele,
 Porque ele acordou primeiro
 Eu lhes digo: coragem, coragem, coragem, coragem!
 Levantemo-nos, para que o tempo não nos escape.
 Vamos nos levantar juntos e nos comprometer
 Rogo-vos, irmãos, que nos unamos para a revolta.

(Tinariwen, Álbum Emmar: Timadrit in Sahara, 2014)

As canções de protesto não apenas desencadearam processos de engajamento e mobilização, mas também foram usadas para legitimar as revoltas contra governos do Mali e do Níger. Dito isso, “suas músicas tornaram-se a trilha sonora de toda uma geração de jovens tuaregues exilados, descrevendo o sofrimento do exílio, a perda de lares e familiares, a repressão política e cultural, bem como a luta pela sobrevivência no deserto” (PICHI, 2008, p. 24). Ademais, grupos musicais como a banda Tinariwen procuram valorizar seu território e sua identidade cultural por meio da música, ao mesmo tempo em que expõem as injustiças da descolonização – ou seja, a má partilha das fronteiras na África ignorando várias

particularidades culturais entre outros temas. Dessa forma, segundo Issa Dicko, ex-porta-voz da banda:

Quando foi preciso se fazer a guerra eles lutaram ao lado de seus irmão tuaregues, e quando chegou o tempo de se fazer a paz, eles também a fizeram. Atualmente os Tinariwen se consideram cidadãos do Mali, porém, acima de tudo, são tuaregues e estão aqui com uma missão pacificadora, uma paz que vá além das fronteiras do Mali e seja para todo o Saara, pois o Tinariwen é o porta-voz de um povo e de uma cultura. (ISSA DICKO, 2009, MUSIC OF RESISTANCE).

Como resultado da integração desse tipo musical com as redes de produção e difusão do mercado ocidental, o gênero musical mais popular mudou dramaticamente e de várias maneiras em todas as regiões Tamasheq a partir do início do século XXI (BELALIMAT, 2008). Por fim, sessenta anos de marginalização socioeconômica e repressão estatal nas áreas saarianas de todos esses países mencionados anteriormente, alimentaram a continuação das reivindicações de identidade Tamasheq em termos do reconhecimento de sua singularidade e proteção.

4.2 - As Relações da sociedade Kel Tamasheq com a cidadania

De acordo com Delphine Perrin (2014) os desafios enfrentados sobre a questão da cidadania diferem amplamente na ampla sociedade Kel Tamasheq a depender da região. Além disso, a perspectiva de que essas populações são agora, pelo menos legal e fisicamente, membros desses Estados (destacados ao longo deste trabalho) é inicialmente aceita lentamente. Alguns dos laços emocionais, culturais e históricos com seu território de origem podem servir de base para seu sentimento de pertencimento ao Estado que atualmente os controla, a exemplo dos Tamasheq malineses, nigerinos e líbios (AG KHAMADINE, 2010; ADNANE, 2013; PERRIN, 2014; POUPART, 2022), que em sua maioria não possuem documentos básicos como certidão de nascimento. Em outras palavras,

O registro de nascimento pode ser um problema, já que muitas crianças tuaregues não nascem em um hospital. Conseguir uma certidão de nascimento depois é difícil. A data de nascimento também pode ser incerta e alguns tuaregues se ressentem do efeito negativo e degradante de ter uma certidão de nascimento mencionando um nascimento "em torno" de uma data (PERRIN, 2014, nota.67, tradução nossa)⁴⁵.

Esse método de obtenção da cidadania é legítimo, pois o nômade tem de fato laços históricos e familiares com o território e, portanto, naturalmente com o Estado que governa ali.

⁴⁵ Do original: "Birth registration may be a problem as many Tuareg children are not born in a hospital. Getting a birth certificate afterwards is difficult. The date of birth may also be uncertain and some Tuaregs resent the negative and degrading effect of having a birth certificate mentioning a birth 'around' a date" (PERRIN, 2014, nota67).

É provável que o requerente forneça, ocasionalmente, informações inexatas sobre o seu local e data de nascimento. Eu, como nativo dessa região, mais particularmente de Azawad (norte do Mali), posso dizer que passei por essa experiência. Como não nasci num hospital e era impossível ter documentos durante meu nascimento, não conheço minha data de nascimento e o que consta em meus atuais documentos hoje foi inventado pela administração da minha escola fundamental. Em relação a isso, vale a pena salientar que “o registro de nascimento em territórios remotos e nômades geralmente depende de uma pessoa ‘chave’ tuaregue que vem regularmente a esses territórios para coletar impostos e registrar nascimentos em nome da administração” (PERRIN, 2014, nota 102).⁴⁶

Por outro lado, para certos como o caso dos Tamasheq argelinos contemporâneos, a conexão com a cidadania estatal é menos ambígua (AG KHAMADINE, 2012) e a situação deles é mais ou menos estável por conseguirem estabelecer laços positivos com as altas autoridades. No caso da Argélia é interessante considerar também um fator que pode contribuir nisso é a falta de informação e a proibição de manifestações pelo governo político-militar da FLN.

Portanto, para obter documentos de identidade na maioria desses países e na Líbia particularmente (em algumas circunstâncias) os laços de parentesco são geralmente utilizados. Isto significa, que a obtenção da documentação é possível graças a um membro da família, um tio ou um primo, que detém a cidadania do país e concorda em solicitar que as autoridades acrescentem o interessado ao livrete de registro familiar. Ou seja, no entendimento dessas populações a herança territorial dessas populações pode ser considerada como seu principal ponto de filiação estatal (PERRIN, 2014).

Muitos tuaregues vivem por exemplo na Líbia há décadas e têm uma ‘origem líbia’, sem ter encontrado uma maneira de conseguir um livro de família - que deve ser apresentado para se candidatar a um emprego ou participar de eleições, por exemplo - ou um passaporte. Além disso, muitos perderam seus documentos na Líbia, Mali ou Níger. Sem qualquer sistema real e eficaz de registro de nascimento nesses países, a obtenção de documentos de identidade pode exigir que os candidatos forneçam algumas provas de sua cidadania, principalmente através de testemunhas (PERRIN, 2014, nota.66, tradução nossa).⁴⁷

⁴⁶ Do original: “ birth registration in remote and nomad territories generally relies on a ‘key’ Tuareg who regularly comes to these territories to collect taxes and register births on behalf of the administration” (PERRIN, 2014, nota. 102).

⁴⁷Do original: “Many Tuaregs have lived for instance in Libya for decades and do have a “Libyan origin”, without having found a way to get a family book – which must be presented in order to apply for a job or participate to elections for instance – or a passport. Besides, many have lost their documents in Libya, Mali or Niger. Without any real and effective birth registration system in those countries, getting identity documents may require that applicants to provide some evidence of their citizenship, mainly through witnesses.” (PERRIN, 2014, nota.66)

Mas oficial e legalmente no que diz respeito à cidadania, é a *lei da nacionalidade Líbia*⁴⁸ nº 24 de 2010 que rege a aquisição da nacionalidade neste país. E de acordo com sua seção 2:

É considerado um líbio toda pessoa que residia regularmente na Líbia desde 10/07/1951 e não tinha outra nacionalidade estrangeira e se uma das seguintes condições for aplicável a ele/ela:
 Ele/ela nasceu na Líbia.
 Ele/ela nasceu fora da Líbia, mas um de seus pais nasceu na Líbia.
 Ele/ela nasceu fora da Líbia, mas residiu regularmente por um período de pelo menos 10 anos antes de 10/07/1951⁴⁹

De acordo com a Seção 2 da Lei da Nacionalidade Líbia Nº 24 de 2010, qualquer pessoa que solicite a nacionalidade líbia deve apresentar prova de origem líbia através da apresentação de documentos legais/autênticos, sujeito à decisão do Coordenador do Comitê Geral do Povo para Segurança Geral. No entanto, os depoimentos não são considerados como prova. A principal prova de cidadania é o livreto da família, que lista todos os nomes dos membros da família. “Na ausência de laços familiares, o *Ishumar* pode tentar obter sua certidão de nascimento de 60 anos através de duas ou três testemunhas prontas para certificar sua origem líbia” (PERRIN, 2014, p.312, tradução nossa)⁵⁰.

Desse modo, a estratégia de conseguir documentação através de laços de parentescos e com testemunhas “chaves” funcionou nos últimos tempos no Mali, Níger e na Argélia, mas na Líbia não funciona ainda. Por isso, muitos Tamasheq não possuem os documentos exigidos. Enquanto as famílias que vivem na Líbia há um século conseguiram obter esses documentos, aqueles que se estabeleceram no país há 60 ou 70 anos às vezes foram recusados ou não os receberam por causa de seu estilo de vida semi-nômade. Além disso, muitos Tamasheq analfabetos não conseguiram se registrar para obter a cidadania ou não tiveram acesso às informações necessárias para fazê-lo.

Por fim, embora a má governança em todos esses estados mencionados tenha sido um obstáculo tanto para a coesão nacional quanto para a unidade comunitária, pode-se ver uma

⁴⁸ Law Number (24) for 2010/1378 On The Libyan Nationality, http://www.ilo.org/dyn/natlex/natlex4.detail?p_lang=en&p_isn=93753

⁴⁹ Em Original: “ Is considered a Libyan every person resided in Libya regularly since 07/10/1951 and s/he did not have other foreign nationality and if one of the following conditions is applicable on him/her:

- He/she born in Libya.
- He/she born outside Libya but one of his parents born in Libya.
- He/she born outside Libya but he resided regularly for a period not less than 10 years before 07/10/1951.”

⁵⁰ Do original: “In the absence of family ties, the *Ishumar* can try to obtain his birth certificate through two or three witnesses ready to certify his Libyan origin” (PERRIN, 2014, p.310).

tímida afiliação nacional entre algumas famílias Tamasheq que conseguiram se integrar ao Estado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou mapear as relações que existiam entre a sociedade Kel Tamasheq e o regime de Muammar Gaddafi e a atuação política dessas populações depois a queda do “guia libio” e um breve panorama histórico do período em que se desenvolveu uma série de embates políticos, culturais e econômicos entre a sociedade tamasheq, nômades do Saara, e os Estados do Mali e Níger até o presente momento. Além de examinar as semelhanças e variações na literatura, bem como os relatos em primeira mão de alguns atores locais, sobre a aceitação e pertencimento total dos Kel Tamasheq dentro dos 5 Estados-nação do saelo-saarianos.

Para isso, tentamos trazer indicadores histórico-arqueológicos que atestam que a existência dos norte-africanos e sua civilização é bem mais antiga à chega árabe-islâmica ao contrário da narrativa árabe-islâmica impulsionada pelo regime de Gaddafi para impedir a diversidade sociocultural líbia. Devido a essa postura do antigo regime libio, podemos afirmar também que, como o envolvimento dos amazighs na política nacional era desconhecido, a atuação desenvolvida por esta sociedade durante a revolta em fevereiro de 2011 pode ser considerada uma irrupção política imprevisível. De fato, o último conflito foi uma oportunidade para os Kel Tamasheq líbios tentarem a difícil experiência de se organizarem politicamente pela primeira vez dentro de uma entidade supra comunitária para criar o “Conselho Consultivo das Comunidades Históricas Tuaregue ” (AG KHAMADINE, 2017, p.13).

No que diz respeito à problemática da cidadania e engajamento político nos países do Sahel com os Tamasheq retornados da Líbia, observamos também a reconversão de ex-combatentes e o envolvimento da geração mais recente em empreendimentos artísticos politicamente implicados também são notáveis, pois representam uma espécie de dedicação focada tanto nos assuntos de Estado quanto na valorização de uma identidade Tamasheq. Este estilo é exemplificado por alguns músicos, como os malineses que compõem a banda Tinariwen, os nigerinos Abdallah ag Oumbadougou ou o Bombino.

É importante ressaltar que, desde o início, no imaginário colonial existiu uma ideia sobre a penetrabilidade e a impenetrabilidade do espaço sariano, que volta de forma

recorrente a partir de então, com o imaginário da gestão deste território, seja ele um território colonial a ser domesticado, a ser administrado por meio de auxiliares coloniais que serão, no caso do Níger e do Mali por exemplo, auxiliares administrativos ou militares que vêm do sul destes países, ou seja, Haoussa e Manding ou que são originários das cidades mediterrâneas, que sejam árabes e com sentimentos panarabistas também, no que diz respeito à Argélia e Líbia (CLAUDOT-HAWAD, 1990; AG KHAMADINE, 2010; PERRIN, 2014). Nesse sentido, Andy Morgan (2014, online, Apud ADNANE, 2019, p.328) afirma que “o desejo de enfraquecer as diferenças culturais e promover uma espécie de hegemonia pan-mandinga no Mali, pan-hauçá no Níger ou pan-árabe na Argélia e na Líbia é simultaneamente retrógrado e condenado” e hoje são os netos e bisnetos dessas pessoas que fazem a gestão de todo estes espaços sem considerar a situação das diversas particularidades que ali vivem.

No caso da governança no Mali e Níger, por exemplo, as estradas nacionais que ligam as cidades do sul e do norte estão em ruínas há mais de 20 anos, por isso ainda é difícil para as pessoas terem a vontade de ir e fazer turismo nas áreas periféricas do Saara em tal situação. Portanto, parece haver uma vontade de simplesmente tornar essas áreas saarianas marginais e isso é um dos principais fatores das revoltas armadas. Tal situação significa também que a parte setentrional desses Estados não está de forma alguma integrada nas histórias nacionais e/ou as populações não conhecem estes espaços e, além da política do conhecimento, estas são regiões que foram tornadas inacessíveis.

Em relação à situação dos Kel Tamasheq sahelianos com seus países, concluímos que as revoltas protagonizadas por estes no Mali e no Níger correspondem à falta de inclusão política dessa sociedade nas administrações e organismos estatais, à falta de desenvolvimento econômico - nas partes nortes do Níger e Mali- territórios onde vivem muitos grupos tamasheq - e à preocupação com a auto-governança expressa por setores dessa sociedade, particularmente no ambiente nômade. Desse modo, percebe-se que o fato da maioria dos Kel Tamasheq terem problemas para agir como cidadãos é devido aos desafios causados principalmente pelo caráter dos Estados em que residem. Os Kel Tamasheq malineses e nigerianos, por exemplo, não estiveram envolvidos nos projetos de criação destes dois Estados-nação e nunca foram consultados pela França de que seus territórios seriam anexados aos novos países sahelianos, isso pode explicar em parte as difíceis relações que estes países têm mantido com as suas populações Tamasheq desde as independências até o tempo presente. Ademais, os governos dos países saelo-saarianos nunca adotaram uma atitude verdadeiramente unificada, nem estabeleceram um diálogo com os nômades; suas políticas

em relação a essas regiões sempre se basearam na repressão, ao contrário do que era necessário para a construção de um estado-nação.

REFERÊNCIAS

ADNANE, Mahfouz Ag. **Movências tamacheque além-fronteiras: conexões, performances em narrativas insurgentes em festivais culturais saarianos (2001-2017)**. 2019. 370 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

ADNANE, Mahfouz Ag. **Ichúmar: Da errância à música como resistência cultural Kel Tamacheque (1980-2010): raízes históricas e produção contemporânea**. 2014. 180f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ADNANE, Mahfouz Ag. Resistência cultural Kel Tamacheque no pós-colonial no Mali e no Níger: o movimento Ichúmar. In. XX VII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal/Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799_ARQUIVO_ANPUH-Natal2013_texto_MahfouzAgAdnane.pdf Acesso em 10 ago. 2022.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les relations des Touaregs aux États: Le cas de l'Algérie et de la Libye**. IFRI programme Afrique subsaharienne, Paris, 2010.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les Touaregs du Tassili n Ajjer: Mémoire collective et organisation sociale**. Alger: CNRPAH, 2012.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les Touaregs et le conflit en Libye**. Centre national de recherches préhistoriques, anthropologiques et historiques, Alger, 2017.

AMAN IMAN DOCUMENTARY. Direção e produção de Andy Morgan. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BnwEzvm_rH8&feature=related>. 13 min, son., color.

BARYIN, Gael. **Dans les mâchoires du chacal - Mes amis Touaregs en guerre au Nord-Mali.** Le Passager clandestin, 2013.

BERNUS, S ; NICOLAISEN, Johannes; **Structures politiques et sociales des Touaregs de l'Aïr et de l'Ahaggar.** Institut de recherches en sciences humaines. Niamey.1982.

BELALIMAT, Nadia. **La guitare des ishumar.** Emergence, circulation et évolutions, Copyright, Volume 1, 6-1/2 - Géographie, musique et post-colonialisme, sous la direction d'Yves Raibaud, Mélanie Sèteun Ed., 2008 / 95-112;

BOILLEY, Pierre. **Géopolitique africaine et rébellions touarègues. Approches locales, approches globales (1960-2011).** *L'Année du Maghreb*: dossier Sahara en mouvement, v. 7, p. 151-162, 2011.

CAMPS, Gabriel. **Comment la Berbérie est devenue le Maghreb arabe.** *Revue de l'Occident musulman et de la Méditerranée*, n. 35, p. 7-24, 1983.

CHAKER, S e FERKAL, M. Berbères de Libye : un paramètre méconnu, une irruption politique inattendue, *Politique africaine*, n° 125, 2012, p. 105-126.

CLAUDOT-HAWAD, Hélène. *Éperonner le monde.* Nomadisme, cosmos et politique chez les Touaregs. Aix- -en-Provence: Edisud, 2001.

CLAUDOT-HAWAD, Hélène. **Des États-Nations contre un peuple : le cas des Touaregs.** In: *Revue de l'Occident musulman et de la Méditerranée*, n°44, 1987. Berbères, une identité en construction. pp. 48-63;

CLAUDOT-HAWAD, Hélène. **Honneur et politique. Les choix stratégiques des Touaregs pendant la colonisation française.** *Revue des Mondes Musulmans et de la Méditerranée*, Université de Provence, 1990, pp.11-49. halshs-00648591.

CLAUDOT-HAWAD, Hélène, et al. *Touaregs. Exil et résistance.* Edisud, 1990.

CLAUDOT-HAWAD, Hélène; Hawad. **Touaregs : Voix solitaires sous l'horizon confisqué.** *Ethnies*, Paris, 20-21, 255 p., 1996, Collection Ethnies-Documents, 9782912114006. fhalshs-00293895f.

CLAUDOT-HAWAD H. **Éperonner le monde. Nomadisme, cosmos et politique chez les Touaregs,** Edisud: Aix-en-Provence, 2001.

CORNET, Pierre. *Sahara Terre de Demain.* Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1957.

DUARTE, G. O conflito no Mali: origens e dimensão internacional. pucminas conjuntura, Wordpress, 2013. Disponível em <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/03/01/o-conflito-no-mali-origens-e-dimensao-internacional/>>.

FOUREAU, Fernand. *D'Alger au Congo par le Tchad: mission saharienne* Foureau-Lamy. Paris: Maison Saharienne, 1902.

GSELL, S. 1913 . **Histoire ancienne de l'Afrique du Nord, 1913-1929**. Tome1. Paris. Hachette.

HACHID, Malika. *Les Premiers Berbères: entre Méditerranée, Tassili et Nil*. Aix-en-Provence: Édisud, 2000.

HAWAD, M. **La teshumara, antidote de l'État**. In: Revue du monde musulman et de la Méditerranée, n°57, 1990. Touaregs, exil et résistance. pp. 123-140.

HOWARD, Geoffrey. **CTC Sentinel**. Dezembro de 2014. Disponível em: <https://ctc.usma.edu/libyas-south-the-forgotten-frontier/> Acesso em 13/08/2022.

HUREIKI, Jacques. **La version touarègue de la bataille de Taqimbawt (Tacoubao)**. *Journal des africanistes*, v. 73, n. 1. p. 127-136, 2003.

KATO, Issyad Ag. **Os recursos culturais do povo Tuaregue diante dos desafios do desenvolvimento**. *Interações (Campo Grande)*, 2004.

KOHL, Ines. **Libya's 'Major Minorities'. Berber, Tuareg and Tebu: Multiple Narratives of Citizenship, Language and Border Control**. *Middle East Critique*, 2014, vol. 23, no 4, p. 423-438.

KOHL, Ines; FISCHER, Anja. **Tuareg moving global: An introduction**. *I. Kohl and A. Fischer, eds*, 2010.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. **Espaços de poder no Norte da África berbere sob domínio cartaginês e romano: o caso de Cirta (Constantina, Argélia)**. *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, 2014, 3: 16-46.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. **Norte da África na antiguidade: os reis berberes nômadas e suas iconografias monetárias**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2007, 17: 251-292.

KORMIKIARI, M. C. N. **Grupos indígenas berberes na Antigüidade: a documentação textual e epigráfica.** *Revista de História, [S. l.], n. 145, p. 9-60, 2001.*
DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i145p9-60. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18918>. Acesso em: 18 ago. 2022.

LECOCQ, Baz. **Unemployed intellectuals in the Sahara: The Teshumara nationalist movement and the revolutions in Tuareg society.** *International Review of Social History*, 2004, vol. 49, no S12, p. 87-109.

MURRAY, Rebecca. **SOUTHERN LIBYA DESTABILIZED: The Case of Ubari.** Security Assessment In North Africa (SANA), Small Army Survey, Genebra, 2017.

MUSIC OF RESISTENCE. Direção de Jason Breckenridge. Produção de AlJazeera. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-MHAKNLVkg>>. 15 min, son., color.

PERRIN, Delphine. **Tuaregs and citizenship: the last camp of nomadism.** *Middle East law and governance*, 2014, vol. 6, no 3, p. 296-326.

PLIEZ, O. *Villes du Sahara. Urbanisation et urbanité dans le Fezzan libyen.* Paris : CNRS Editions, 2003. 200 p.

POUPART, Pauline. *Être touareg dans le Sud libyenen transition: une citoyenneté encore inachevée.* Openedition journals. vol.02, 2022.

SAINT GIRONS Anne, 2008, *Les rébellions touarègues*, IBIS PRESS, p73-96.

WEHREY, Frederic. *Insecurity and governance challenges in Southern Libya.* Washington DC : Carnegie endowment for international peace, 2017.

Apêndice I: Roteiro de entrevistas

- 1- Breve histórico das relações dos Kel Tamasheq argelinos com o Estado
- 2- Quais são os desafios dos Kel Tamasheq na Líbia de Gaddafi e pós-Gaddafi e na Argélia?
- 3- Os Kel Tamasheq líbios/argelinos estão integrados ao Estado ou assimilados ao arabismo?

Apêndice II: **Transcrição de entrevistas**

Mehdi El-Ansary

Audio 01: Os Kel Tamasheq na Líbia são divididos em 2 partes: tem os que já conseguiram a documentação com a política de Gaddafi antes da sua queda e hoje são iguais, com mesmos direitos que outros líbios e os que nunca conseguiram nada.

Áudio 2: Gaddafi não criou uma política para naturalizar os nômades Tamasheq que vivem no deserto sul do país, ele estava se servindo deles só para conseguir seus interesses. Falo isso porque na minha opinião se ele quisesse dar documentos para os empobrecidos Ishumar e suas famílias podia fazer sem mínimo problema já que ele era o chefe do Estado e tudo que ele ordena estava executado na hora e ninguém impediria a ele. Porém, ele recusou o propósito de racionalizá-los fazendo dessas pessoas “apátridas”.

Áudio 3: Na época do governo Gaddafi, os Kel Tamasheq, que moravam nas grandes cidades, tinham um documento que não tinha o mesmo grau de identidade nacional, mas também ninguém podia dizer que é inválido. Mas nem serve para tirar passaporte, né? Portanto, muitos não percebiam isso como um problema naquela época.

Áudio 4: Em relação às eventuais mudanças destinadas a melhorar a situação das minorias não árabes, o governo atual é composto das mesmas pessoas que trabalharam sob Gaddafi e estão seguindo a mesma política do antigo regime.

Áudio 5 (0:54): Os Kel Tamasheq possuem o que dá nacionalidade líbia hoje normalmente, uma vez que nasceram e cresceram no solo libio além de sempre terem derramado o sangue deles para defender os interesses do país. Portanto, tudo isso automaticamente dá direito de cidadania e documentação nacional, mas a realidade é outra.

Audio 6 (0:12): [Os Tamasheq] estão no corpo dos militares e da polícia, ou seja, estão em todas as forças da segurança nacional....

Áudio 7 (0:12): Porém, no que diz respeito à documentação de identidade, até o presente momento não existe um programa ou projeto que trata ou que aborda esta questão.

Áudio 8 (1:48): A queda do Gaddafi foi exatamente aquela coisa de um regime que demorou muito no poder, portanto, suas raízes permanecem ainda social e politicamente. Todavia, essa mudança de forma violenta não foi sentido negativamente pelos Kel Tamasheq, mas as

consequências disso são vistos em toda a população líbia. Isto é, empobreceu o país de uma forma muito drástica. Portanto, a queda do governo foi muito negativa para os kel Tamasheq e sua posição política. Além disso, nada mudou. O que é mais importante na Líbia é que ninguém te impede de trabalhar sendo Tamasheq, nem estudar, em relação à saúde quem tem dinheiro também consegue se tratar bem, ou seja, a falta da documentação não nos impede de ter acesso ao básico [e necessário].

Entrevista com Magdi Ag Bohina. (Líbia)

Audio1: 00:07:22: Como você sabe, os kel Tamasheq na Líbia são dois grupos, ou seja, os que estavam aqui antes da independência do país, aqui nesta região sudoeste da Líbia nas cidades de Ubari, Sabha e Ghadames desde os tempos do reinado, período colonial até a Líbia moderna. E quando Gaddafi chegou ao poder também considerou eles como todo mundo utilizando seus líderes comunitários para questões políticas, securitárias e militares. Ademais, chegaram nos anos 1950, durante o governo Gaddafi ainda, vários Tamasheq nômades vivendo nas periferias saarianas nas regiões de Azawad (norte do Mali) e Aïr (norte do Níger) fugindo das repetidas situações secas no norte de Mali e do Níger e as políticas de controle e repressão exercidas contra eles pelas autoridades malinesas e nigerínas da época. Gaddafi mostrou-se disponível para empregá-los e isso não significa que ele vai ajudá-los nas lutas que eles estão fazendo nas suas terras de origem, porém ele precisa que eles se sintam melhor em relação a onde vieram. Portanto, eles integraram o Estado líbio nesse contexto e sobre a questão de direitos e cidadania Gaddafi não se importou muito.

Audio2: 00: 06:00: No que diz respeito à integração dos Kel Tamasheq na Líbia antes e agora em relação às populações que voltaram do Mali e Níger, em 2004, Gaddafi na verdade deu escolha para eles de voltar às suas regiões de origem ou vão ficar na Líbia para sempre. Desse modo, algumas famílias voltaram para o Sahel e muitas permaneceram na Líbia. Os que ficaram se inscreveram para entrar nas forças armadas, só que durante esse processo muitos dentre esses homens não estavam sabendo e não concordavam em entrar nas forças de segurança nacional. Porém, os documentos que esses homens assinaram, antes de ingressar as forças de Gaddafi, nunca foram encontrados. Sobre a questão da assimilação, é importante lembrar que Gaddafi tinha uma política pan-arabista e considerava interessante para que os Kel Tamasheq também passem a se ver como árabes. Na época, existiam alguns Kel Tamasheq que defendiam que eles são árabes, já que têm alguma ascendência árabe. No que se refere ao tempo pós-Gaddafi, muitas minorias sócio-políticas, como Kel Tamasheq, os Amazigh de Nefussa e Tebu, se levantaram para reivindicar seus direitos como participação

dentro do governo e do parlamento. Por outro lado, os árabes recusam ainda que o Tamazight se torne uma língua oficial ao lado do árabe, só pode ser reconhecida como uma língua nacional. Além desses problemas político-institucionais, não há uma demonstração de arabização das populações, mas o árabe que permanece como língua oficial. Recentemente, surgiu uma ideia de que cada região vai ensinar sua língua materna nas suas escolas, mas é uma iniciativa da sociedade civil e nós Kel Tamasheq estamos planejando uma parceria com nossos irmãos amazighs de Nefussa para dar início nisso.

Entrevista com Inès Tazidert (Argélia)

Audio1: 00:07: É interessante lembrar que existem duas ettebel inteiras (confederações políticas). Ou seja, há o Kel Ahagar e o Kel Ajjer e uma pequena parte do Kel Adrar na parte Tanezroufte, portanto no sul, no nível de Borj Baji Moktar, Timiawine e Tinzawatane. É importante saber que os Kel Ahagar e Kel Ajjer sempre tiveram relações conflitantes e também é importante saber que os Kel Ajjer têm seu feudo na Líbia em Ubari e, portanto, durante a colonização francesa eles não tinham um chefe legítimo, de fato, portanto já começa com o fato de que antes do estado argelino a colonização francesa perturbava as estruturas sociais, seja entre os Kel Ahagar ou os Kel Ajjer. Por exemplo, entre os Kel Ahagar, o ettebel só era acessível por [um subgrupo] o kel ghela, enquanto que anteriormente era ocupado pelos Taitoq que eram expulsos e do lado de Ajjer, um amenokal que estava em Ubari não podia ser posto em prática, de modo que os "elogios" locais eram postos em prática, que serviam aos interesses da França e que, portanto, representavam também suas regiões.

Audio2: 00:01:36: Assim, tudo isso foi acrescentado à vontade argelina de jogar a carta revolucionária e socialista ao reduzir ao máximo a liderança tradicional, ou seja, após a guerra argelina, ao final da independência, havia uma vontade de remover, No início foi por esta razão que o primeiro a começar no sul foi Alhaj Mussa Ag Akhamok que normalmente era um amenokal e então eles entenderam que não funcionava necessariamente porque mesmo assim o povo continuou a eleger o amenokal (chefe tradicional Tamasheq) e assim por diante, O Estado argelino quis destacar este título e reapropriá-lo, por isso criaram o título de amenokal e é importante saber que o amenokal na Argélia é o meio direto de comunicação entre as populações tuaregues e o presidente da república, pois ele é uma das raras pessoas na administração que tem o direito de ver o presidente da república sem pedir uma audiência e isso a qualquer momento e quando ele quiser. Portanto, foi uma forma de destacar a liderança tuaregue e tentar colocar os tuaregues no seu bolso.

Audio3: 00:02:19: Em termos das realizações de Kel Tamasheq com o Estado argelino, é importante sublinhar que os Kel Tamasheq eram muito pouco conhecidos dos argelinos em geral e ainda são hoje porque todos vivem de preconceitos, ou seja, todos tinham medo deles, especialmente quando ouviu-se o que aconteceu no lado Azawad (norte do Mali), isto é, em 1962 e 1963, houve realmente um choque. Então pergunta-se se os tuaregs argelinos realmente seguirão seus irmãos antes no Níger e depois em Azawad (Mali). De lá, de fato, aconteceu um jogo bastante mesquinho, ou seja, o Estado argelino fez de tudo para manter os líderes tuaregues em seu bolso, oferecendo-lhes muitas coisas, muitos bens. Mas também do lado dos tuaregues argelinos havia uma vontade de se separar dos outros tuaregues, porque foi realmente num período nos anos 1970-80-90 quando houve uma grande onda de migrantes do Kel Tamasheq azawadianos (norte do Mali) e de fato os Kel Tamasheq argelino tinham essa vontade de se separar dessas pessoas e de afirmar seu nacionalismo e sua legitimidade para serem argelinos. Assim, há fases de xenofobia em que os Kel Tamasheq argelinos rejeitam os outros Kel Tamasheq vindos do Mali para se afirmar como argelinos e isto é algo que ainda hoje é visto entre muitas pessoas. Desse modo, os Kel Tamasheq argelinos sempre sentiram que precisavam provar ao Estado argelino que tinham legitimidade para serem argelinos, hoje em dia, a relação que existe de fato depende da região.

Audio4: 00:02:12: Na região de Tamanrasset, por exemplo, é completamente diferente, há a comunidade Izagaran que está em maioria no poder e do outro lado temos uma preponderância árabe, Temos por exemplo os Imichladj que são muito poderosos em todas as estruturas da região e os Kel Adrar (Argélia/Mali) que também estão na administração e poderosos também, por outro lado o povo de Ahagar não tem realmente nenhum poder e, portanto, a Argélia tem a obrigação de caminhar com essas pessoas que têm poder sobre a região. Portanto, temos uma região que é muito dócil com o Estado argelino, que se dá muito bem com o Estado argelino e que é ajudado pelo Estado argelino no tráfico e em muitas coisas ilegais em troca de interesse e especialmente de informação.

Audio 5: 00:01:42: Os desafios de Kel Tamasheq na Argélia hoje já são uma integração completa, o que é muito difícil de ser muito integrado, ou seja, você nunca verá um Tamasheq tendo uma posição na alta administração no sentido de que não impacta sua cultura, seu artesanato ou seu turismo. Na verdade, no ministério com um grande orçamento, você nunca encontrará um Tamasheq. O segundo desafio é ser capaz de assumir a própria cultura, assumir a própria cultura, ter a própria cultura transmitida sem cair no folclore. Porque há uma folclorização dos Kel Tamasheq argelinos e tal folclorização faz com que estas populações não sejam levadas a sério. Os outros desafios, acho que são realmente

desafios locais no sentido de que, por exemplo, para reduzir a corrupção, tentando ser honesto com a população e os chefes tradicionais e especialmente para se desenvolver, acho que é o desafio de todos os Kel Tamasheq, mas o desenvolvimento legal no sul da Argélia é realmente algo que está faltando.

Audio06: 00:02:05: Sim, os kel Tamasheq argelinos estão realmente integrado ao Estado argelino, já que são argelinos, não há dúvida sobre isso, agora a forma como essa integração foi feita está no respaldo da xenofobia dos outros tuaregues originários de Azawad e do racismo dos outros povos Amazigh, Ou seja, Bouteflika, por exemplo, durante o conflito da primavera [nos anos 2000], o movimento Kabyle em particular, na verdade Bouteflika fez tudo para comunicar que os tuaregues não se sentem berberes, não são berberes, não falam uma língua berbere e que são um povo à parte [. ...] e que de fato se trata realmente de um desejo de assimilar os tuaregues e de integrá-los ao estado argelino, forçando-os a rejeitar as pessoas que se parecem com eles. Então o que mais parece um tuaregue senão outro tuaregue? Eles foram levados a acreditar que são diferentes de Kel adrar [vindo do norte de Mali] e lá eles foram levados a acreditar que são diferentes de outros Amazighs. Há realmente um ódio de alguns tuaregues contra o povo Kabyle, eles realmente não se importam com o povo Kabyle, então você não verá isso com os outros grupos Amazigh, como os Mozabitas ou os Chawis, etc...